

CAMILO CASTELO BRANCO



O MARQUÊS  
DE TORRES NOVAS

- TEATRO -

# O MARQUÊS DE TORRES-NOVAS

CAMILO CASTELO BRANCO

TEATRO

*Esta obra respeita as regras*

*Do Novo Acordo Ortográfico*

A presente obra encontra-se sob domínio público ao abrigo do art.º 31 do Código do Direito de Autor e dos Direitos Conexos (70 anos após a morte do autor) e é distribuída de modo a proporcionar, de maneira totalmente gratuita, o benefício da sua leitura. Dessa forma, a venda deste e-book ou até mesmo a sua troca por qualquer contraprestação é totalmente condenável em qualquer circunstância. Foi a generosidade que motivou a sua distribuição e, sob o mesmo princípio, é livre para a difundir.

Para encontrar outras obras de domínio público em formato digital, visite-nos em: <http://luso-livros.net/>



## PERSONAGENS

D. GUIOMAR COUTINHO

D. MARIA DE NORONHA INFANTE

D. FERNANDO MARQUÊS DE TORRES-NOVAS

D. FERNANDO DE CASTRO

D. GUTERRES DE PAIVA

PEDRO DE AFONSECA

EZEQUIEL — Judeu

PEDRO — Pajem

MESTRE GIL — Taverneiro

CARCEREIRO

Inquisidores do Eclesiástico, Damas, Pajens, Cavaleiros, Frades franciscanos,  
Encapotados, e Camponeses.

## ACTO I

A cena passa-se no Jardim do Palácio de D. Guiomar Coutinho, filha do Conde de Marialva. Vê se ao fundo uma parte do edifício. Há, á direita do espetador, entrada suposta para o Jardim. A maior parte do fundo é floresta. É noite.

## CENA I

O MARQUÊS DE TORRES-NOVAS, de saio e manto pretos, chapéu aragonês, e punhal no cinto largo envernizado; está sentado num escabelo do ornato do jardim, e medita, com a cara escondida entre as mãos. AFONSECA, mordomo da casa de Marialva, junto dele, inclinado e suplicante.

### **AFONSECA**

É mais de uma hora, senhor Marquês. A noite está muito fria, aumentam os trovões, e não tardará que chova. Peço-vos que vos vades, porque este frio vos fará mal.

**MARQUÊS**, serenamente.

Que me vá!... Afonseca! Tu és meu amigo, não é assim?., tu és muito meu amigo?

### **AFONSECA**

Não o duvideis, senhor, que me afrontais.

**MARQUÊS**, erguendo-se.

Abriste-me estas portas, trouxeste-me a este jardim, para me falar de um alto mistério... Nada me disseste, e tanto me atormentaste com palavras torcidas e incompreensíveis... Queres que me eu vá a sofrer estas torturas de uma suspeita cruel!?!...

**AFONSECA**

Quando vos pedi que aqui viésseis, não sabia eu que a vossa saúde perigava tanto... Receio muito magoar-vos... Noutra ocasião vos direi coisas tristes... Tristes, como não há outras que mais se digam a homem que amou com todas as forças do coração.

**MARQUÊS**, sobressaltado.

É uma perfídia... Não é assim... Homem? É uma traição que me queres contar?... Oh! Diz-me que não é! (Afonseca imóvel, parece não dar pelo arrebatamento do Marquês) Já sei... (meia voz) ele não respondeu... Coragem, minha alma! Devo fingir-me para saber tudo (serenidade fingida) Afonseca! Sabes que o desterro de quatro anos me fez a alma de ferro? Não temas falar-me da minha última desgraça, porque os meus olhos não têm lágrimas...

Chorei-as todas nos areais da Africa... Fala, homem; não temas, porque o velho tronco dos bosques curva-se ao ímpeto do furacão, mas não se quebra... Afonseca... Tenho febre, a chuva ameaça-nos, fala depressa... Não queiras que me eu molhe...

### **AFONSECA**

Estais tão pálido, senhor!...

### **MARQUÊS**

Que importa? — efeito de noites mal dormidas... A fome estraga muito, bom velho...

### **AFONSECA**

A fome! Meu Deus!

### **MARQUÊS**

Agora bem vês que estou sereno para escutar-te.

Duas horas.



**AFONSECA**

São duas horas, senhor.. Se amanhã antes quisésseis... É já tão tarde...

**MARQUÊS**, senta-se.

Como queiras. Esperarei aqui por ti até amanhã. Se o Conde de Marialva me achar no jardim da sua filha, o seu mordomo lhe responderá por mim.

**AFONSECA**

Perdoai-me... Oxalá, que a ingrata, que vos desama, estivesse repesa da sua deslealdade, como de aqui chamar-vos, para contar-vo-la, estou arrependido...

**MARQUÊS**, erguendo-se com ímpeto.

Estou traído, meu Deus!

**AFONSECA**, tomando-o nos braços.

Que tendes, senhor!...

**MARQUÊS**, afastando-o de si.

Basta. Já sei tudo... Amigo, obrigado... Adeus... (Quer sair, e Afonseca impede-o).

**AFONSECA**

Sr. D. João!...

**MARQUÊS**, emendando-se.

Sou um louco... Queria-me ir... Conta-me as circunstâncias dessa perfídia...  
(irónico) Devem de ser galantes.

**AFONSECA**, tímido.

Há seis anos, que D. Guiomar Coutinho vos amava com os extremos de...

**MARQUÊS**

Adiante.

## **AFONSECA**

Os fidalgos já por aí diziam que ela era vossa esposa por um casamento clandestino, e que...

## **MARQUÊS**

Adiante.

## **AFONSECA**

Outros diziam que dama era ela de dois cavaleiros, qual deles mais valente, qual deles mais brioso... Um ereis vós, senhor, o outro... (hesitando).

## **MARQUÊS**

Era o Infante D. Fernando... Continua.

## **AFONSECA**

Certo estareis, Sr. D. João, quando, na cavalgada do Conde da Vidigueira, esporeaste o vosso cavalo para o lado nobre da hecanea, em que montava D.

Guiomar, muito entretida com os galanteios do Infante... E que este, ofendido, diante da corte, e de D. Guiomar, por quem tão ruins inimizades se geraram... Protestou vingar-se... (Repara no Marquês, que parece não ouvi-lo, distraído. Toca-lhe no ombro) senhor Marquês!

**MARQUÊS**, recordando-se.

Ah! Sim... Era o Infante D. Fernando...

**AFONSECA**

Já disse depois mais alguma coisa.

**MARQUÊS**

Talvez que D. Guiomar Coutinho...

**AFONSECA**

Mais grata aos desvelos do Infante que aos vossos, acordou com ele uma vingança, que a ambos salvasse da vossa cólera. Temiam-vos, senhor. Fostes desterrado, senhor D. João... E na primeira noite do vosso desterro a perjura...

Já bem vingada... (repara no marquês que luta com uma terrível comoção)  
senhor!

## **MARQUÊS**

A perjura... Sim... A perjura... (forte) Mentos, mordomo!... Mentos!

**AFONSECA**, altivo.

Não tenho esporas douradas, senhor; mas o meu sangue vermelho no chão dos combates, e não azul nos pergaminhos dos brasões, autoriza-me a repelir uma afronta. Sr. D. João de Alencastre! Eu não minto.

**MARQUÊS**, abraçando-o.

Perdoa-me... Tu és um bom amigo... Bem vês que venho de lidar com as feras: primores de cavaleiro e cortesias... Já não são para mim.

**AFONSECA**

Que mais quereis que vos diga, senhor?

**MARQUÊS**, riso forçado.

Tenho um rival, não é assim?

**AFONSECA**

Em breve deixará de o ser, porque as bodas vão celebrar-se, e confio em Deus e na vossa honra, que não queirais requestar uma dama casada. Sr. Marquês! Cuidado por vós, que a justiça d'el-rei vos não descubra. O vosso degredo ainda não está cumprido. Amigos, na pátria, tendes poucos... Um conheço eu... Mas a cabeça desse é muito ignorada para valer o preço da vossa liberdade... Não vos sirvo de nada, senhor!... Ide-vos... É muito tarde...

**MARQUÊS**

Ir-me! Não; nunca!

**AFONSECA**

Ouvireis logo um apito: é que o Infante, escoltado por vinte dos seus mais valentes criados, está fora dos muros deste jardim... Para vir tomar o lugar, que já tivestes nele.

**MARQUÊS**, comovido.

Bem dito sejas tu, meu Deus! (solene) Mordomo! Fazes-me um serviço?

**AFONSECA**

Se a minha honra...

**MARQUÊS**

Sai... Deixa-me.

**AFONSECA**

E vós!?

**MARQUÊS**

Ficarei.

**AFONSECA**

Que intentais?!

## **MARQUÊS**

Nada. Vê-los; ouvi-los.

## **AFONSECA**

E vinte braços armados de vinte espadas? (o marquês sorri) Não ficareis...

Meditais uma loucura.

**MARQUÊS**, frieza terrível.

Mordomo! Sabes que, desde este momento em diante, todo aquele homem, que se atravessar no meu caminho de sangue, hei de pôr-lhe um pé no pescoço e passar por cima dele? Duas palavras: recolhe-te, amigo.

## **AFONSECA**

Quando quiserdes sair...

## **MARQUÊS**

Aqui tenho uma chave (mostra-lha).



**AFONSECA**

Uma chave! Quem vos deu essa chave?!

**MARQUÊS**, sorrindo.

**D. GUIOMAR** Coutinho.

**AFONSECA**

Quando?!

**MARQUÊS**

Quando este jardim era o caminho que me levava ao quarto dela: vai-te.

(Afonseca sai).

## CENA II

MARQUÊS DE TORRES NOVAS, só.

**MARQUÊS**, sentado.

Que é o que eu sinto aqui? — não sei! Sei que sofro muito... Que tenho o coração a estalar apertado por mão de ferro... Tenho uma agonia que me mata (pausa). Fui traído! Meu Deus... Traído! (erguendo-se) e por ela!... E quem foi que me traiu!?!... Vergonha! (esconde o rosto entre as mãos) Não é um sonho... É a realidade de uma espantosa traição, depois de quatro anos de desterro...

Senta-se. Segue-se uma chaçara cantada por D. Guiomar Coutinho: o marquês ergue-se e escuta:

## CANTO

*Negro o céu, lua não tem,*

*Tem relâmpagos, trovões;*

*Negra a vida, não tem gozo,*

*Tem ciúmes, tem paixões.*

*Vem depressa, ó vida minha,*

*Tenho medo, estou sozinha.*

**MARQUÊS**, correndo na direção da voz e suspendendo-se.

Prudência, desgraçado! Ouve-a... É ela a que se acusa...

### CANTO

*Quem me dera um céu formoso,*

*Matizado de fulgores;*

*Então, sim; mas céu de trevas*

*Não sorri aos meus amores.*

*Vem depressa, ó vida minha,*

*Tenho medo, estou sozinha.*

Um apito fora do jardim. O Marques arranca o punhal: vacila entre os dois lados — o do canto, e o do apito.

**MARQUÊS**

Ó minha cabeça, que te perdes! Deus vingador... Inspira-me, que eu serei a expressão da tua cólera!

(Segundo apito).

## CENA III

### MARQUÊS, E AFONSECA

**AFONSECA**, sobressaltado.

Senhor!... Aquela é a senha... Ao terceiro apito a porta do jardim será aberta...

**MARQUÊS**

Vai-te!

**AFONSECA**

Sr. D. João, que nos fazemos desgraçados... Por alma do vosso pai, vinde...

**MARQUÊS** Vai-te... Deixa-me!

(Terceiro apito).

**AFONSECA**

Estamos perdidos..; D. João... D. João... (Ajoelha, e o Marquês, levantando-o, vai como arrastado).

(Vozes dentro).

## **D. GUIOMAR**

Pedro! Já três vezes!... Não ouves?!

## **PEDRO**

Cá vou, cá vou.

## CENA IV

PEDRO, E AFONSECA, depois.

**PEDRO**, entrando.

Más terças te limpem, coruja, que só namoras de noite! (reparando em Afonseca que sai da floresta) Ó diabo, que o mordomo ouviu!

**AFONSECA**

Que vinhas tu rosnando, rapaz?

**PEDRO**

Não é nada, senhor Mordomo... É que estou farto de ser alcaiete da fidalga, e arreceio grande carga de pau... (Quarto apito) Os demónios te confundam e mais o teu assobio!

(Sai).

## CENA V

### D. GUIOMAR COUTINHO E AFONSECA

**D. GUIOMAR**, não vendo Afonseca.

Já quatro vezes! Malditos criados! (reparando) A estas horas, que fazeis, senhor mordomo?!

(Trovão remoto).

**AFONSECA**

Contemplava a grandeza do Altíssimo no bramir do trovão.

**D. GUIOMAR**, irónica (Trovão)

Então estais muito contemplativo! Empregai antes o tempo, que desperdiçais, em desempenhar melhor as vossas obrigações. Ide á vossa camara; se estais farto de contemplar.

**AFONSECA**



Estou farto, senhora, estou farto de contemplar; e não há muito que vi uma estrela, toda louçã do seu fulgor, ser envolvida por nuvem negra como mortalha... Ficai-vos, senhora, que eu vou melhor cumprir as minhas obrigações; e, se delas me sobrar algum tempo, pedirei a Deus por vós.

(Sai).

#### **D. GUIOMAR**

Relocado! Eu acabaria com as tuas retóricas se fosses senhor de todo o meu segredo... Desgraçado dele... Se não cerrar a boca ao pouco que sabe...

## CENA VI

### D. GUIOMAR E O INFANTE D. FERNANDO

#### **D. GUIOMAR**

Estavas já aborrecido de esperar, não é assim, meu querido? (el/e não responde, e mostra-se frio) Que maneiras são essas? Estás despeitado pela demora?!... Eu não fui a culpada.

#### **INFANTE**

Sofro muito, Guiomar... Tenho uma suspeita terrível.

#### **D. GUIOMAR**, risonha

Ciúmes?

#### **INFANTE**

Ciúmes, sim — queres que te diga que sim? — Ciúmes. (Guiomar ri-se abertamente) Hoje risos... Amanhã... Lagrimas... Talvez.

## **D. GUIOMAR**

Explica-te; não quero mistérios.

## **INFANTE**

Tenho uma carta de D. João Coutinho, capitão de Ceuta, onde se me diz que o Marquês de Torres-Novas fugira, incógnito, para a pátria... Ri-te, Guiomar!

**D. GUIOMAR**, querendo ocultar o sobressalto.

Que me rial... E porque não hei de eu rir-me? Que há de comum entre mim e o Marquês de Torres-Novas?

## **INFANTE**

E que havia de comum entre ti e ele, quando, há quatro anos, me pediste de joelhos o seu desterro... E ainda mais que o seu desterro...

## **D. GUIOMAR**

Era um meu perseguidor, porque eu lhe disse um dia que o amava.

**INFANTE**, ironicamente.

Mas disseste-lhe que o amavas...

**D. GUIOMAR**

E não to disse eu a ti, quando te supliquei que me tirasses dos olhos esse homem que se julgava senhor de atormentar-me, e á força distrair-me o coração de ti... De ti, só, meu Fernando?!

**INFANTE**

Cumpri.

**D. GUIOMAR**

Não cumpriste... Se cumpriras não tiveras hoje receios...

**INFANTE**

Era uma barbaridade mata-lo. O braço de um irmão de D. João 3º não sabe brandir o punhal do cobarde... Nem o meu coração está fascinado a ponto de

tramar contra a existência de um homem que ergueu um dia os olhos para o anjo da minha vida.

**D. GUIOMAR**, friamente.

**INFANTE**... Não sei qual de nós nasceu para homem!... Os nossos corações não se entendem... Dai-me licença que me recolha... A noite está muito fria.

**INFANTE**

Parece que te forcejas em atormentar-me?

**D. GUIOMAR**, irónica

Parece que ambos forcejamos... Caprichos do muito amor, que se não explicam. Fernando, virás em ocasião de melhor humor..

**INFANTE**

Basta de remoques, Guiomar. Escuta-me. Eu receio muito de D. João de Alencastre. Ele é neto de D. João 3º — e filho do mestre de Santiago — não

tem um coração popular para que nele morra o protesto de uma vingança. Lembras-te daquela cavalgada?... Jurou-me então um odio implacável... Não sei se o temo: sei que é o fantasma negro dos meus sonhos... — sobressalta-se-me o coração, se a sua imagem se ergue entre mim e o meu futuro...

#### **D. GUIOMAR**

Tens medo dele? — diz que sim, não duvides, porque um malvado é sempre temido. Fernando! Sou mulher, o meu braço é fraco; mas, se eu pudesse troca-lo com vinte anos da minha vida, por este teu braço, e por este punhal, (fazendo a ação) olharia para o meu delicioso futuro, e para a vida de D. João de Alencastre, como para coisas do meu coração e do meu punhal...

#### **INFANTE**, enfadado

Silencio! Não me rasgues o véu transparente que faz imaginar-te o tesouro de quantas pérolas o céu engasta no coração das suas criaturas escolhidas. És muito linda, muito valente, muito generosa, tens tudo... Mas que eu chegue ao domínio das tuas perfeições sem deturpar a minha glória com uma gota de sangue.

D. João de Alencastre amou-te, ama-te, arde em paixão, que importa? É ele criminoso? Não: reste-lhe a glória de conceber uma ideia arrojada. Que venha

ou não venha D. João para a pátria... É o mesmo. Se ele tentar interpor a sua desesperação entre nossos amores, será repellido pela espada da lei. Quem é que o autoriza a erguer violentamente um trono sobre um Coração que é meu? Ele não é cobarde. Á hora do dia, se me afrontar, os nossos braços decidirão qual de nós é o talhado para possuir-te, minha Guiomar... Repeles-me?

#### **D. GUIOMAR**

Julguei-te até hoje um homem darmas, e não um mole galanteador de corte...

**INFANTE**, com enfadamento.

Guiomar! Que queres tu que eu faça? (Altivo) Vinte homens escolhidos estão aí fora dos teus muros: a um leve aceno teu, eles serão vinte assassinos... Que queres que eles façam?!

#### **D. GUIOMAR**

Nada — que vos vades, para me eu ir.

**INFANTE**

Irei... Guiomar... Irei... Uma lagrima no teu seio!

(Abraça-a)



## CENA ÚLTIMA

### OS MESMOS E O MARQUÊS DE TORRES-NOVAS

Marquês de Torres-Novas, ao fundo.

**INFANTE D. FERNANDO!** (eles desençam-se)

Choras no seio de uma adúltera! Essa mulher é casada!

(Aproxima-se de D. Guiomar)

Nobre senhora! Braço de homicida não vo-lo dou, porque o não tenho; mas um punhal aqui o tendes!

(O marquês fila atentamente os dous, que estão como petrificados.)

FIM DO PRIMEIRO ACTO



## ACTO II

É de noite. Vista de sala da casa de D. Guiomar Coutinho. Tem ao fundo um arco, que deixa ver um corredor transversal: duas portas laterais. Uma harpa encostada a uma mesa; e, sobre outra, papel, tinteiro, etc...

## CENA I

D. GUIOMAR COUTINHO, sentada a uma mesa, cismando profundamente

(Dez horas.)

**D. GUIOMAR**, erguendo-se repentinamente.

Vacilar! Eu? Vacilar... Nunca! Hei de, se tanto for preciso, tocar o último elo da cadeia dos meus crimes! Crimes! (sorrindo) que mal a sociedade classifica a renúncia que nós fazemos de um amor fastidioso para saborear novas sensações!... Quem se atreve a condenar a inconstância de uma mulher, porque tão fraca se humilha às seduções de um homem?! Que me neguem um perdão, que me cusпам na cara o estigma da perfídia... Neguem, cusпам... Que eu me riei dos motejos do mundo. Sinto passos... A esta hora... (vendo Afonseca, a meia voz) maldito! Senta-se, com ar de enfado).

## CENA II

D. GUIOMAR COUTINHO E AFONSECA

**D. GUIOMAR**

Que tendes que fazer nesta sala, senhor mordomo?!

**AFONSECA**

Uma súplica, senhora.

**D. GUIOMAR**, enfadada.

Dizei!

**AFONSECA**, aproximando-se.

Há quatro anos que nesta sala, e a estas horas, me não tratáveis tão desprezivelmente, senhora D. Guiomar...

**D. GUIOMAR**

Quereis recordar-me alguns deveres?

**AFONSECA**

Sim, senhora.

**D. GUIOMAR**, irritada.

Deveres?! Tenho alguns para convosco... Dizei?

**AFONSECA**

Para comigo, não, felizmente. Tende-os grandes e terríveis a cumprir para com Deus, e para com a sociedade.

**D. GUIOMAR**

Senhor Afonseca! Sois muito importuno... Não quero ouvir-vos... Deixai-me!

[faz menção de sair).

**AFONSECA**

Ouvi-me, senhora, pela vossa honra, pela vossa vida, e não pela minha!

**D. GUIOMAR**

(Meia voz) Inferno! (alto) Que quereis dizer-me? Depressa...

**AFONSECA**

Houve um homem que vos dominou...

**D. GUIOMAR**, interrompendo-o.

Quê?!

**AFONSECA**

Houve um homem que, senhor das vossas ações, escravo da sua paixão, confiado na vossa honra.

**D. GUIOMAR**, o mesmo.

Basta! Ide-vos, ou eu me vou (quer sair).

**AFONSECA**, atalhando-a.

Ficai vós, senhora. Duas palavras só — (com mistério) — que a morte vos não encontre desprevenida para responder diante de Deus.

(Sai).



### CENA III

**D. GUIOMAR**, recordando-se.

Que a morte vos não encontre desprevenida... Foram as palavras dessa testemunha inexorável do meu passado!... O meu passado! Tanto amor, tanta virtude, tanto crime... O que tem ido nesta minha existência de vinte e cinco anos! Que mistério eu sou! (profunda meditação, sentando-se). Não posso... Não posso recuar... (ouvem-se trovões). Que noite tão tempestuosa!... Que semelhança com a minha vida!... Não posso ir falar-lhe ao jardim... Tenho medo... Não... Não tenho medo... Não... Não tenho medo dos relâmpagos... (estremece ao clarão de um relâmpago). Mas aquele homem... Aquela realidade terrível de ontem á noite... Ele... Tão cadavérico... Tão medonho... Aquele sorrir tão agoureiro de vingança... No vou ao jardim... (Tange uma campainha. Ergue-se e vai á mesa sobre que está a harpa). A minha harpa... Nem vontade tenho de tanger-te... Guiomar! Que é do teu espirito inabalável!... (Reparando para a porta). Ainda não? (.Retoca a campainha).

(Pedro ao fundo).

## CENA IV

### D. GUIOMAR COUTINHO E PEDRO

**D. GUIOMAR**, severa.

Onde estavas, Pedro, que assim te demoraste?

**PEDRO**

Estava lá em baixo na albergaria, ouvindo o cego, que dá gosto ouvir-lhe os seus contos de fadas e feitiços.

**D. GUIOMAR**, com curiosidade.

O judeu?!

**PEDRO**

O judeu! Credo! Eu pensei que ele era um bom cristão!

**D. GUIOMAR**, vacilando.

Não... Não é judeu... Eu cuidei... Sim... É que pensei que falavas de outra coisa... (refletindo, a meia voz) Que feliz inspiração! (alto) Pedro, quero falar com esse cego.

**PEDRO**

Falar com o cego! Essa é boa! Pois a senhora D. Guiomar quer ir á albergaria falar com o pedinte?

**D. GUIOMAR**

Não, mas quero que ele aqui venha falar comigo.

**PEDRO**

Deus nos defenda... Nem que eu aqui o traga... Que diria o senhor D. Francisco Coutinho se soubesse que a sua filha fala de noite aos pobres! Deus nos defenda...

**D. GUIOMAR**, imperiosamente.

Meu pai está a dormir: aqui faz-se o que eu mando: — os criados que me não servem, sou eu que os despeço. Parece-me que me entendes... Muito bem. O cego, que venha a este salão falar-me — Conduze-o aqui — e ausenta-te.

(Pedro sai).

## CENA V

D. GUIOMAR, e depois Ezequiel

### D. GUIOMAR

Sinto às vezes um prazer cruel em torturar-me! Quero ver agora esse judeu, que se diz senhor de alguns segredos da minha vida, sem dizer-me quais eles são. Disse-me que se empenhava, pela minha ventura, e que me interessasse eu na sua seguridade, para ele poder cumprir um voto de vingança. Disse-me que não descobrisse eu que ele era judeu, que ele não descobriria um escândalo da minha vida. É um contrato garantido por dois crimes: para ele a fogueira, se o eu descobrir, para mim... A vergonha eterna! Há dois anos que me pede gasalhado: tenho-lhe oferecido ouro — não o aceita. De dia fecha os olhos, e pede uma esmola. Qual será a vítima desse odio de sangue? Pode servir-me de muito este homem. Os judeus são os melhores inventores de venenos... Ei-lo...

(Ezequiel entra: Pedro faz-lhe a entrada, e ausenta-se. Ezequiel cobre um albornoz de mendigo: traz louças barbas postiças: as faces denunciam-lhe um longo sofrimento.

Entrai — e podeis estar com os olhos abertos, que não há aqui quem vos denuncie.

**EZEQUIEL**

Assim o julgo, caridosa senhora.

**D. GUIOMAR**

Há dois anos que fizemos um contrato.

**EZEQUIEL**

É verdade; e não tivemos ainda a mais leve transgressão nas cláusulas dele.

**D. GUIOMAR**

Assim é; mas a vossa vingança tem tido grandes estorvos.

**EZEQUIEL**

Muito grandes, senhora D. Guiomar... Muito grandes.

**D. GUIOMAR**

Nunca me deu para a curiosidade de perguntar-vos quem assim vos fez sanguinário.

**EZEQUIEL**

Seria inútil.

**D. GUIOMAR**

E estais certo de que a vossa vingança e o vosso nome sejam sempre um segredo?

**EZEQUIEL**

Pouco se me dá que o não sejam, com tanto que eu vá de rastos para a fogueira, quando um cadáver for levado ao túmulo.

**D. GUIOMAR**

Mas se pudésseis sobreviver á vingança, teríeis nisso prazer?...

**EZEQUIEL**

Um prazer de demónio... Rir-me-ia continuamente... Não, D. Guiomar, eu estou cansado de viver: depois do homicídio quero o suicídio.

**D. GUIOMAR**

Tenho dó de vós!

**EZEQUIEL**

Não que a minha vida é muito digna de compaixão!...

**D. GUIOMAR**

Mas queria ver-vos mais generoso convosco mesmo... Parece-me uma fraqueza o suicídio, depois de uma vingança!... Eu, por mim, quisera viver muito, depois da morte dos meus inimigos...

**EZEQUIEL**

Não pensais bem, senhora! O remorso de duas horas é mais amargo que um trago de veneno que nos mata em dois minutos.



**D. GUIOMAR**, rápida.

Veneno! E tencionais consumir o suicídio pelo veneno!? E há assim veneno que mate em dois minutos?! Deveis andar sempre precavido com esse veneno, não é assim?

**EZEQUIEL**

É assim; porque não sei de antemão quando saldarei as minhas contas com a pérfida, e com este mundo de pérfidas.

**D. GUIOMAR**

Vós, os israelitas, tendes muita arte para colher das plantas esses sucos venenosos que matam em minutos. Queria acreditar-vos, e para isso peço que me mostreis o veneno que anda sempre convosco.

**EZEQUIEL**

Para que as minhas palavras não estejam por muito tempo em dúvida... Aqui tendes, senhora! (mostra-lhe um frasco, ela toma-o rapidamente das suas mãos).

## **D. GUIOMAR**

Isto é que é o veneno, não é assim? (reparando puerilmente) Ora dizei, meu amigo, se vos oferecesse metade da minha riqueza, a minha perpetua proteção, tudo, que sou e que valho, para me dardes este vidrinho, dar-mo-íeis?

## **EZEQUIEL**

Essa pergunta... Senhora!

**D. GUIOMAR**, com sentimento.

Esta pergunta é uma desgraçada mulher que vo-la faz. Já não é a senhora de Marialva, que vos suplica este frasco — é aquela infeliz, cuja vida sabeis... É uma atribulada, também, como vós, cansada de viver... E que deve um dia sacudir o jugo da existência, e buscar no veneno a paz da morte.

## **EZEQUIEL**

Fazei primeiro penitencia, senhora! O vosso Messias não perdoa crimes dessa natureza. Buscai o martírio, que tendes grandes pecados a batizar no sangue, mas não vos suicideis... Que há na terra um homem, que vive de vós...

## **D. GUIOMAR**

Senhor! Não me negueis este favor... Dai-me este vidrinho... Será preciso que eu me prostre... (faz a ação de ajoelhar).

## **EZEQUIEL**

Senhora! Eu vos dou esse vidro... Chamastes-me para isto?

## **D. GUIOMAR**

Não: foi para ouvir-vos. Agora só quero de vós uma graça... Que considereis todos vossos os meus haveres, que torneis menos penosa a sorte dos vossos irmãos, com o meu ouro.

## **EZEQUIEL**

Não tenho irmãos: sou só no mundo... É logo meia-noite; vou-me á cama que me esmolastes. Ficai-vos, senhora: o nosso contrato continua.

## **D. GUIOMAR**

Esperai que eu faça vir o pajem para conduzir-vos.

**EZEQUIEL**

Não é preciso, senhora D. Guiomar. Já gozei muito brilhantes saraus na vossa casa. Já doudejei, como rapaz, pelos corredores do vosso palácio. Já desci muitas vezes á vossa albergaria para escarnecer dos truões...

**D. GUIOMAR**

Vós! Vós!

**EZEQUIEL**

Eu — é verdade — eu, quando vosso marido chamava amigos para o verem engrinaldar-vos a cara de namoradas coroas... Adeus, senhora.

**D. GUIOMAR**

Meu marido?!... Esperai! Esperai!

**EZEQUIEL**

O nosso contrato continua, (estende-lhe a mão solenemente e sai).

(D. Guiomar senta-se pensativa).

## CENA VI

D. GUIOMAR e AFONSECA

### D. GUIOMAR

Não posso recordar-me!... Será ele?... Não é possível! Ezequiel era um rapaz airoso, imberbe... Este é velho... Pálido... A sua voz não era aquela... Conheço este judeu há dois anos, sempre esta figura... Não é... Não é possível. Tudo a aterrar-me... Que fraqueza a minha... Este mendigo não é Ezequiel... Ezequiel namorava D. Maria de Noronha... Não é ele... Não pode ser... (trovão) Tenho medo... Quem me dera aqui Fernando... Ele demora-se... Ouço passos... Será ele?...

(D. Guiomar vai como para esperar o infante, e recua diante de Afonseca com maneiras de desprezo).

**AFONSECA**, Profundamente sentido.

Escute-me duas palavras, senhora D. Guiomar.

(D. Guiomar sai).



## CENA VII

AFONSECA, e depois PEDRO

### **AFONSECA**

Oh meu Deus, que grandes infortúnios não pesam sobre esta desgraçada família! Vós o podeis, Senhor, desviai o raio da vossa cólera de sobre os inocentes que tem de pagar crimes que não fizeram! Esse velho pai, esse meu companheiro de batalhas que dorme a estas horas o sono plácido do honrado ancião... Mal sabe ele que lábio lhe cospe nas rugas uma filha que ele amou tanto, e tanto perdeu com o seu mimo! (senta-se).



## CENA VIII

### PEDRO E AFONSECA

**PEDRO**, espreitando.

Já por cá não está o pedinte?

**AFONSECA**, distraído.

Desgraçados! Desgraçados!

**PEDRO**

Olá, Sr. Mordomo! Estimo aqui encontra-lo. Vossemecê. Não me explica esta entrudada que aqui vai esta noite?

**AFONSECA**

Deixa-me, rapaz!

**PEDRO**

Pois não sabe que eu trouxe o cego aqui ao salão?

**AFONSECA**

Sei, sei, praza ao Altíssimo que o não soubera!

**PEDRO**

Mas eu não me entendo com aquela cegueira... A senhora D. Guiomar disse ao cego quando ele entrou: — «entrai com os olhos abertos.» Pois o cego havia de entrar com os olhos abertos?! É verdade — quem foi que o levou lá abaixo á albergaria — seria a senhora?

**AFONSECA**

Não sei.

**PEDRO**

Nem eu. O que sei é que anda aqui grande enguiço, porque o cego não tinha alma de atinar com a cama... Seja lá o que vossemecê quiser. Eu vou abrir a porta do jardim ao Sr. D, Fernando que não pode demorar-se...

(Sai).

## **VOZ DENTRO DE D. GUIOMAR**

Preciso entrar nesta sala. Quero-a livre e desocupada.

(Afonseca ergue-se. Levanta as mãos e os olhos ao céu em aflitiva resignação,  
e sai).

## CENA IX

**D. GUIOMAR**, só.

Tenho aprendido a vencer pelo rigor... Sei dobrar orgulhos... E nem sempre com o ouro dos cofres do meu pai... É mentira... Eu ainda há pouco quis dobrar o joelho a um homem que possuía um frasco de veneno,, foi uma vergonha; mas ninguém me viu nessa humilhada posição.. A lembrança daquele homem... Mata-me... Sabe que sou casada... Isto é horrível!... (Medita) Veremos... Pode ser (com a satisfação de uma lembrança horrorosa)... Tenho vontade de cantar... Vem cá, minha companheira, minha querida companheira de saudades (Pega na harpa). Não te quero triste e silenciosa... Ajuda-me a viver este instante de ausência... Aquela chaçara tão linda dos ciúmes de um desterrado... Linda que ela era! Se me lembrasse... Ah! Lembra-me...

(Canta acompanhando-se com a harpa).

*É de anil sereno o céu,*

*Vai-te ao campo e colhe flores,*

*Não te iluda um céu sereno,*

*Muda o céu nas suas cores.*

*Goza, goza, em ímpios braços,*

*Esse amor, negro, infernal,*

*Mas se eu chego á pátria, ai! Triste!*

*Treme e teme o meu punhal!*

(Fica por alguns minutos ri uma espécie de pasmo, e, com a expressão de grande dor, clama a meia voz).

Aborreço este cantar... Já cantei esta chaçara sem dor... Tão feliz com a minha frieza de coração... Hoje não posso... Que vida a minha! Que eu não possa arrancar do peito este espinho..

**PEDRO**, ao reposteiro.

S. Alteza o senhor Infante D. Fernando.

## CENA X

### A MESMA e o INFANTE

**D. GUIOMAR**, risonha.

Meu querido... Ah! Foi muito bom que viesses... Estava tão triste...( estou agora tão contente...

**INFANTE**, friamente.

Sempre rindo, sempre festival... Sempre a mesma!

**D. GUIOMAR**

Querias ver-me triste... Tinhas prazer na minha dor!? Triste! Porque?... Não falas!?

**INFANTE**

És um mistério! Não te compreendo!...

## **D. GUIOMAR**

Cuidas que a presença desse homem me perturbou? Tenho pura a minha consciência... O meu coração transbordou de raiva, nutri um sentimento de justa vingança... Mas não sinto mais que isto.

**INFANTE**, acrimonioso.

Eu sinto mais alguma coisa... Sinto um desejo invencível de que me arranques dos olhos esta venda, que me não deixa ver a tua vida e a daquele homem. Amo a tua franqueza, Guiomar... É uma das prendas da tua alma; — sê franca! Desamar-te... Já eu não posso; mas quebrar pelas nossas relações íntimas, posso, quero, e devo, se por desgraça D. João de Alencastre é aquilo que disse ser.

## **D. GUIOMAR**

Meu marido?!

**INFANTE**

Teu marido, sim — teu marido.

**D. GUIOMAR**

Infantel... Não te devo amar.

**INFANTE**, irascível.

Por ventura é certo?

**D. GUIOMAR**

É certo que és um fraco... Um injusto que me não crês, um temerário que me leste na face um crime de adultério...

**INFANTE**

Não... Não, Guiomar... Eu não creio...

**D. GUIOMAR**, sentando-se com afeição de grande dor.

Meu Deus!...

**INFANTE**, afavelmente.



Guiomar! Creio-te como á palavra de Deus... Animo, meu anjo! Perdão... Escuta-me... D. João de Alencastre é um caluniador, não é assim? É um infame que desafoga o seu crime por uma mentira cruel.

#### **D. GUIOMAR**

Sim... Um infame, que devera pagar com a vida...

**INFANTE**, interrompendo-a.

Com a vida, não, Guiomar. Mata-lo... Não! Preso, e arrastado perante um tribunal, há de sustentar que tu és sua mulher... Se o fizer... Se convencer os juízes... — que vergonha, Guiomar! — se o não fizer, há de ser lançado num cárcere, e desterrado para sempre. Mata-lo... Não. (D. Guiomar escuta-o com indiferença) Parece que te repugna esta minha serenidade?... Querias antes converter o amante em assassino?!...

#### **D. GUIOMAR**

**FERNANDO!** As tuas palavras são repassadas de uma ironia, que me fere...

## **INFANTE**

Não é ironia. Guiomar. É que acima das nossas vinganças está a vingança do Eterno, e eu mais receio responder diante de Deus por um crime de sangue, que responder perante um tribunal dos homens em defesa da tua honra — Hás de ser minha esposa... Juro-to eu, se por ventura há juramento que valha em nome da tua pureza, e inocência. Tumultuam no meu coração os desatinos de mancebo ardente, mas não posso ser cruel! A mais subtil espionagem foi hoje lançada em Lisboa, e até agora ninguém viu o marquês de Torres-Novas, que o conhecesse. Logo que seja encontrado, será preso; preso, será interrogado; convencido de caluniador, será condenado.

## **D. GUIOMAR**

Pois sim, infante, pois sim... Seja punido pela lei, e fiquem nossas consciências puras.

## **INFANTE**

Não podias falar de outra maneira. Tens um bom coração... Pareceste-me cruel por um instante... Mas não o és... Foi o receio de perder-me que te fez desejar uma vingança... A noite vai alta, minha adorada: — a tua alma deve estar cansada de tribulações... Precisas descanso... Adeus...

**D. GUIOMAR**, friamente.

Adeus, infante. Amanhã não poderei receber-te; não me procures.

**INFANTE**

Por quê?

**D. GUIOMAR**

Por quê? Nem eu sei por que... Estou cansada de torturar-me... Estas duas noites tem-me sido um inferno de dois séculos... Quero a solidão; quero-me sozinha no meu quarto, com as minhas lágrimas... Adeus..

**INFANTE**

Pois sim, Guiomar, eu não te procurarei amanhã.

(Vai a sair).

**D. GUIOMAR**, comovida.

Infante...

**INFANTE**, o mesmo

D. Guiomar...

**D. GUIOMAR**, pendendo-lhe a cabeça sobre o ombro, e levando-lhe a mão direita ao coração.

Amo-te tanto... Estou tão perdida por ti...

**INFANTE**, solene.

Que incompreensível tu és, Guiomar!

**D. GUIOMAR**, deixando-o.

Ah! Não sou, não, Fernando! Sou uma mulher muito desgraçada... Vai-te...

Adeus...

## **INFANTE**

Adeus, Guiomar!... Eu deixo ao tempo a explicação do estado presente do teu espírito...

## CENA XI

### D. GUIOMAR e COUTINHO

**D. GUIOMAR**, erguendo-se, depois de meditar, algum tempo.

Tremo de mim! Estou um coração de ferro... Arranquem-me da alma este amor que me sustenta... E eu serei um cadáver... Vítima de perdição!... Quem me fez assim?!... Avante, minha paixão!... Se retrocedes, será perpétua a minha infâmia... (Torna a sentar-se: tira do seio o frasco que recebeu de Ezequiel, e, pouco depois, o depõe sobre a mesa) Este veneno... Está aqui encerrada a minha fortuna... Está nele um mundo novo para mim. É-me necessário que o marquês aqui venha... Devo seduzi-lo na primeira noite... Envenena-lo na segunda... Ah! Eu era mais feliz se morresse... Vou escrever-lhe... (pega da pena e deixa-a cair) escrever-lhe... Mas... Para onde?!

## CENA XII

D. GUIOMAR COUTINHO e o MARQUÊS DE TORRES-NOVAS

(O Marquês vem trajado como no primeiro acto.)

**MARQUÊS**

Aqui estou, senhora. Dai-me o gosto de ouvir-vos vocalmente os vossos preceitos.

**D. GUIOMAR**, erguendo-se aterrada.

Quem sois vós, senhor!?

**MARQUÊS**, tirando as barbas.

Um homem, que creio vos importa alguma coisa.

**D. GUIOMAR**

Ah!... Quem vos deu entrada aqui, marquês!?

## **MARQUÊS**

Depressa me conhecestes, D. Guiomar Coutinho! O marquês de Torres-Novas, há quatro anos, era um vosso fiel confidente. Tinha uma chave que lhe abria o vosso jardim (arremessa-lhe a cima da mesa uma chave) outra que o conduzia a esta sala (o mesmo) outra que o levava á vossa camara (o mesmo) — já sabeis, por tanto, assustada senhora, quem deu entrada ao marquês neste vosso santuário de virtude...

**D. GUIOMAR**, meia voz.

Oh meu Deus! Valei-me!

## **MARQUÊS**

Parece que a minha presença te não é muito agradável, Guiomar!? Felizes todas as damas que são surpreendidas pelos seus amantes no acto em que desejam saber aonde devem manda-los chamar. Aqui estou, senhora! Vamos, que esta noite é a da sedução... Em que vos pode ser útil o pobre trovador?!

**D. GUIOMAR**

D. João!... Eu vos imploro...



## **MARQUÊS**

Que me imploras, D. Guiomar?

## **D. GUIOMAR**

Perdão!... Perdão!...

**MARQUÊS**, sorrindo de escárnio.

Senta-te, mulher, que te arrependes... (Ela hesita e ele imperiosamente lhe aponta uma cadeira) Senta-te!... (Senta-se também ele, pouco desviado de Guiomar).

A alma gasta-se; com a alma vão-se as recordações... Quero recordar-me de uns contos lindos e trágicos, mas preciso que me socorras com a tua memória... Ouve-me.

Uma linda mulher requestara um homem, nem tão rico nem tão gentil como ela; mas era ele o requestado, e ela a furiosa nos delírios, a forte e violenta nas suas vontades. «Serás meu marido, apesar da vontade do mundo inteiro» — disse-lhe ela; e ele respondeu-lhe:

— Pois sim, eu serei teu marido porque não há no mundo, nem já agora a haverá, mulher que tanto me inspire o gozo da escravidão do matrimónio. Esse homem, e essa mulher entraram, sozinhos, pela calada da noite, num templo, e disseram a um sacerdote «uni-nos para sempre» e o sacerdote uniu-os para sempre. Era forçoso o mistério neste casamento: que o pai dessa dama casada era um avarento orgulhoso: com a morte dele morreria o mistério... «Pois bem, disseram-se os esposos, esperemos que ele morra, para que a sociedade supersticiosa levante a excomunhão do nosso tálamo furtivo». Alguns dias amaram-se muito. Viam-se duas horas por noite. Pareciam frenéticos de amor... Era a paixão que doudejava na sua embriaguez com toda a liberdade... Viveram esta vida risonha e encantadora por alguns meses... Não sei quantos... Aqui é que a tua memória tem um triunfo... Lembra-te, Guiomar, os meses que foram? (silêncio) Não sabes?... É que a tua alma também está gasta... Pois faz-me dó o mal-aventurado filho de má sina que, por muito magoado, se esquece do muito prazer que já teve!... Adiante. Passados alguns meses, essa mulher viu, não sei onde, um cortesão de grande nome, neto e filho de reis! — grande nome que ele tinha! A dama gostou mais desse cavaleiro que do seu marido. O porquê... É que a história não diz... Sabei-lo, vós, senhora? (Ela ergue-se com força da cadeira, e vai sentar-se noutra distante — ele arrasta a sua para perto) Procurarei ser ouvido o mais comodamente: quero conhecer da vossa sensibilidade pelo movimento das

vossas feições... Porque esta história excita a curiosidade... Não é assim, nobre senhora?

## **D. GUIOMAR**

Joio de Alencastrel!

## **MARQUÊS**

Era o meu nome por esses tempos em que as verdades desta história se passaram... Hoje, senhora, sou um desterrado, sem nome, sem haveres... Um truão para o festejo das vossas bodas, se assim o quiserdes... E a história, que se me ia varrendo!

Eu não sei o que essa dama apaixonada disse ao seu amante... Guiomar Coutinho é de esperar que o saiba... Que lhe disse ela, Guiomar? Chorou assim como tu choras? Estorceu-se numa cadeira assim como num potro de judeu? Ou foi violentada assim (aperta-lhe um pulso — ela solta um grito) pela mão de ferro do seu amante até se prostituir á vergonha do adultério?... Nenhum de nós sabe o que lhe ela disse; mas o marido foi desterrado como inimigo reservado de D. João III. Na última noite do seu adeus, a mulher do desterrado visitou-o no cárcere, e chorou como tu choras agora... Das praias de Restelo acenou-lhe com o seu lenço molhado de lagrimas quando ele, mar

em fora, era levado pelo galeão que costumava despejar nas areias de Africa os criminosos de Portugal. Oh senhora! Se o vísseis por aqueles presídios a chorar lagrimas de sangue!... Se vísseis o marido inocente como as saudades da mulher e da pátria o despedaçavam.. Se o vísseis por noites eternas sem uma esperança, sem uma carta dessa mulher... Sem um ceítel... A mendigar por portas que o desprezavam..

Viveu quatro anos assim... Já não podia suportar o sofrimento... O sangue gelara-se-lhe nos pulmões, a mortalha pendurara-se-lhe da ossada cadavérica... O misero queria vir á pátria... Ver sua querida mulher... E morrer no patíbulo com o segredo do seu casamento. Era-lhe necessário fugir.. Não tinha uma moeda de cobre para comprar uma guarda. Restava-lhe o retrato da sua mulher, circundado de pérolas... Vendeu as pérolas, e restituiu ao seu seio o retrato da sua virtuosa consorte.... (arremessa-lhe o retrato) Quem se atrevia a dizer ao desterrado: «Morre aí, homem atraído, que a tua mulher é uma adúltera!?» Ninguém, pela minha s vossa honra, ousaria dizê-lo — pois não, destinada esposa do Infante D. Fernando!?

**D. GUIOMAR**, erguendo-se na mais viva aflitiva.

Deixai-me, marquês!

**MARQUÊS**, travando-lhe do braço, e fazendo-a sentar.

Assim vos aborrecem estas histórias, tão ricas de impressões fortes!? Haveis de ouvir-lhe o resto, até por uma cerimónia quando mais não seja.

O desterrado voltou — vinham-lhe descarnadas as feições; e ele, ainda assim, temendo ser conhecido, acabou por desfigurar-se com umas barbas como estas, e foi á porta dos seus mordomos e pajens, cantar-lhes trovas a troco de um bocado de pão. Tudo isto fez ele para ver, ao menos, uma vez sua mulher... Que depois... Pouco se lhe dava a ele de morrer. Era um bom marido, não era, filha dos Marialvas?

#### **D. GUIOMAR**

Oh senhor!...

#### **MARQUÊS**

Era num a noite tempestuosa como a noite passada. O desconhecido com uma chave, que tinha da casa da sua consorte, entrou-lhe no jardim, sem esperanças de vê-la; mas contente ao menos de contemplar-lhe as telhas, que a cobriam. Alta noite, essa dama (irónico) bela como os lírios, que pisava — cândida como as açucenas que lhe ondeavam na orla do manto, e radiante como o relâmpago que lhe fulgurava nas faces, veio ao fundo do seu jardim, e

deixou-se cair nos braços de um amante, senhora D. Guiomar, e não nos braços do marido! Era belo e terrível este quadro! (Ela quer erguer-se e é obrigada a sentar-se) Ainda é cedo: — o remate é o melhor desta nossa história, senhora! Os dois amantes falaram de muitas coisas... E muito do coração: não lhes esqueceu o pobre desterrado, também falaram dele... Ela suspirava por um braço de homicida e por um punhal: braço de homicida não lho dera ele, porque o não tinha; mas um punhal... Ofereceu-lho o marido para que a sua mulher olhasse para o seu delicioso futuro como para coisas do seu coração e do seu punhal... Era um marido condescendente, não era, D. Guiomar?!

**D. GUIOMAR**, voz alta, erguendo-se.

Basta, marquês!

**MARQUÊS**

Mais baixo, senhora, que podem ouvir-nos. Este diálogo é familiar como o de dois consortes, que se não replicam e transigem amigavelmente. A história expirou... É assim que a tu sabias, Guiomar?

**D. GUIOMAR**

Já vejo que quereis matar-me cruelmente.

## **MARQUÊS**

Eu! Matar-vos! É pois certo que vos magoou esta história, com que eu quis recrear-vos!... Vou distrair-vos dessas tristezas... (Vai buscar o veneno de sobre a mesa) Lindo frasquinho, e mais lindo pelo transparente líquido, que contém! Muito vê quem muito anda! Já vi assim um frasco com um líquido desta cor, do qual duas gotas diluídas num refresco transformavam um homem num cadáver em três minutos. Há invenções terríveis, não há, D. Guiomar!?

**D. GUIOMAR**, de joelhos.

Compaixão, senhor!

**MARQUÊS**. Deixa cair o vidro.

Compaixão, mulher! Compaixão para ti, que me traíste, que me repeliste, que me desterraste! Compaixão para ti, que me cobriste de opróbrio, de infâmia, de ignominia, cuspendo-me na face o escarro do adultério! (Ela quer ajoelhar)  
Aos meus pés, não, Guiomar, que me assassinas com o horror da tua vileza!

Ergue-te cheia de orgulho com as tuas torpezas, adultera! — cerra os lábios do teu marido com a razão do teu crime! Porque me atraíçoaste, Guiomar Coutinho!? Não tinha eu sido o primeiro homem das tuas afeições, Guiomar!? Não tinha eu recolhido ao coração o juramento tua fidelidade, perjura!? Porque me atraíçoas-te, Guiomar Coutinho!... Emudeces... Choras!... Onde te vem essas lágrimas, coração de tigre!? Porque tremes assim, mulher, que só te falta um braço de homicida!? (.Mudança de voz) Foi-te bem fatal esta «primeira noite de sedução», não é assim? (rindo serenamente) Fala, mulher, que mal te fiz eu? Porque pediste o meu desterro depois de atraídoado? Porque me querias ver aqui morrer abrasado com um veneno? Que farias tu, durante os meus paroxismos, aqui a arrastar-me com as torturas do veneno neste chão... Aos teus pés... Mulher sanguinária!?... (sombriamente) Sentes que deste braço mirrado se te infiltra nas veias o gelo da morte?

**D. GUIOMAR**, grito doloroso.

Ah!...

**MARQUÊS**, arrancando o punhal.

Não esperavas assim uma morte tão prematura — não é assim, miserável?



**D. GUIOMAR**

Misericórdia!

**MARQUÊS**

Pensavas que gozarias delicias com o teu amante tripudiando sobre a minha sepultura?

**D. GUIOMAR**

Piedade!

**MARQUÊS**

Supunhas acordar dos teus sonhos de algoz nos braços do teu infante?

**D. GUIOMAR**

Perdão!

## **MARQUÊS**

Perdão! Pede-o a Deus... Uma oração curta pode comover o Altíssimo...

Depressa, que o assassino só quer uma vítima.

**D. GUIOMAR**, de joelhos para fora.

Morrer!... Os meus Deus!... Morrer... Marquês... Piedade... D. João... Eu sou a tua mulher... Ainda não fui adúltera... Eu o juro... Ainda não fui adúltera... Dá-me a vida, que é só para ti... Perdoa-me... Que terás um dia remorsos de me matares...

(Durante esta fala o marquês como alienado parece não ouvir a exclamação de Guiomar. Com as mãos agarradas à cabeça. Corre ao fundo).

## CENA ÚLTIMA

AFONSECA e os mesmos

(Afonseca vem á cena em quanto o marquês está ao fundo — Guiomar lança-se-lhe nos braços.)

### **D. GUIOMAR**

Salvai-me... Salvai-me...

(O marquês voltando, alucinado, vai a descarregar o golpe, quando Afonseca ajoelha diante de Guiomar, que também ajoelha).

**AFONSECA**, estendendo-lhe a mão.

D. João de Alencastre!

(O marquês recua, espavorido).

**AFONSECA**, erguendo as mãos.

Eu vos agradeço, meu Deus!

FIM DO SEGUNDO ACTO

### ACTO III

Terrado exterior da casa dos Marialvas — Ao fundo vê-se o edifício cujas janelas, cortinadas de damascos, deixam coar o clarão das luzes: uma das janelas é rascada em arco, e de serventia. Há uma porta respetiva, e supõe-se uma rua que atravessa o terrado.

## CENA I

EZEQUIEL trajado como no segundo ato, finge-se cego, e está encostado a uma casa lateral — CINCO ENCAPOTADOS, como em espreita de alguém.

### **EZEQUIEL**

Nobres senhores! Dai ao cego mendigo a vossa bem; dita esmola: Deus nosso Senhor vo-la veja dar!

### **1. ° ENCAPOTADO**

Olha este que não lhe chegou o dia para pedir!

### **2. ° ENCAPOTADO**

A noite não tem cancelas — lá diz o ditado.

### **3. ° ENCAPOTADO**

São mais horas de recolher, que de pedir, irmão!

## **EZEQUIEL**

Agradeço-vos o conselho; mas peço-vos uma esmola.

### **1. ° ENCAPOTADO**

Não viste por aqui um trovador?

## **EZEQUIEL**

Pois não vedes que sou cego!? É boa a pergunta!

**2. ° ENCAPOTADO**, que tem estado de observação.

Retira... Que vem gente...

### **3. °, 4. ° E 5. ° ENCAPOTADOS**

Ele?

### **2. ° ENCAPOTADO**

Não; são fidalgos que vem ao sarau.

(Os encapotados saltem).

## **EZEQUIEL**

Há um segredo sinistro nestes homens...



## CENA II

EZEQUIEL, D. FERNANDO DE CASTRO, E D. GUTERRES DE SOUSA, que entram acionando, como quem conversa.

### **EZEQUIEL**

Nobres senhores! Dai ao cego mendigo a vossa bem-dita esmola: Deus nosso Senhor vo-la veja dar.

**D. GUTERRES**, para D. Fernando de Castro.

É um pobre astucioso, não vos parece, Fernando? Até á porta dos saraus, vem estes miseráveis entornar o prazer de um cavaleiro que vive como quer viver! Miséria em tudo, e por toda a parte... (para Ezequiel) Quantos reais brancos arranjaste dos cavaleiros, que entraram?

### **EZEQUIEL**

Nenhum, senhor.

### **D. GUTERRES**

Ora pois, aqui tens doze, e vai-te á cama, que corre a noite fria (finge que lhe dá a esmola e diz-lhe a meta voz) esconde-te por detrás dessas colunas e escuta... Vai-te...

**EZEQUIEL**, alto.

Deus vos prospere mil venturas, e seja pelas cinco chagas do nosso Senhor Jesus Cristo — (Vai-se, tateando o caminho com o pau. Fernando, que tem estado distraído, volta a Guterres).

## CENA III

Os mesmos, menos EZEQUIEL

### **D. FERNANDO**

Estamos sós, não é assim?

### **D. GUTERRES**

É verdade — sós como duas almas que nasceram juntas, juntas pensaram até á campa, e depois da campa, ainda juntas, foram pensar na presença de Deus.

### **D. FERNANDO**

Tenho-te mais que amizade... É um devaneio delicioso, mais plácido que o amor, menos ardente que a paixão... Crês, Guterres, que tenho só dois pensamentos na terra... Só dois entes que me são caros?...

### **D. GUTERRES**

Creio tudo — não és ingrato — pagas, como honrado amigo, o muito que te estimo. Sou feliz em partilhar na tua alma com a encantadora Maria de Noronha.

**D. FERNANDO**

Acrescenta ao título de encantadora, o da minha esposa, (expressão terrível no rosto de Guterres) que em breve o será.

**D. GUTERRES**, emendando-se.

Decerto? Pois assim depressa vais esposa-la?...

**D. FERNANDO**

E admiras?

**D. GUTERRES**

Admiro, porque o premio é quase sempre tardio ao verdadeiro merecimento. És um raro homem, virtuoso e digno, a quem a realidade dos desejos sorri de boamente. (abraçando-o) Parabéns, meu caro Fernando!... Sabe que somos

dois a sentir o prazer da tua dita... Tu e eu... Tu, porque és o amante querido da mais linda donzela da corte de D. João III; e eu, porque sou o amigo de alma do mais ditoso cavaleiro...

**D. FERNANDO**, expressão de tristeza.

Quem sabe, Guterres... Quem sabe?!

**D. GUTERRES**

Tu, que mo disseste.

**D. FERNANDO**

Não fui eu que to disse... Foi o coração que delira... Tenho de vencer estorvos... De quebrar talvez pela minha honra de fidalgo... Para que D. Maria seja minha.

**D. GUTERRES**, ansioso.

Explica-te.

**D. FERNANDO**

Bem sabes que D. Álvaro de Noronha é um ambicioso, que não conhece almas talhadas para o merecimento da filha... Quer ouro que pese tanto como o ouro que ela tem... D. Maria é instrumento da avareza do seu pai...

**D. GUTERRES**

Pediste-lha?

**D. FERNANDO**

Pedi. Recusou-ma! Mandou-me á Índia merecer o honroso nome dos meus avós, e granjear o ouro que eles não me deixaram.

**D. GUTERRES**

E a tua espada ficou-se na bainha como a asevan de um peão..; não é assim?

**D. FERNANDO**

Ele era o pai de D. Maria de Noronha...

**D. GUTERRES**

Já sei o que intentas... Rouba-la... É verdade?

**D. FERNANDO**

É verdade... Se me aconselhares e ajudares com o teu braço e coração.

**D. GUTERRES**

Deves ter traçado um plano para o rato — não é assim?

**D. FERNANDO**

Foi ela que o traçou.

**D. GUTERRES**, irónico.

Oh! Então deve ser seguro e desarriscado!

**D. FERNANDO**

Não quero os teus sorrisos, Guterres! Dá-me o teu conselho de prudente e assisado... Bem vêes que, eu e ela, ambos em assunto de amor desarrazoamos...

#### **D. GUTERRES**

Pois bem... Fala... E não te enfades dos meus sorrisos, que são eles a prova da serenidade com que te ouço.

#### **D. FERNANDO**

Passados quinze dias, vão começar oito noites de folgar seguidas em honra dos desposórios de D. Guiomar Coutinho e o infante D. Fernando.

(Vê-se passar ao fundo um trovador de mandolim ao tiracolo, pára um pouco, contemplando as janelas do edifício, e prossegue.)

#### **D. GUTERRES**

Já sei... Mas em que ficou uma balada de romance que por aí correu de casamentos clandestinos... Visões de jardins...



## **D. FERNANDO**

Em nada, como devia ficar. Foi uma invenção de inimigos do infante, que prestes se dissipou... Vamos adiante. D. Maria de Noronha vem aí ao sarau todas as noites, é livre, só aí, onde o pai a não arreceia de algum cavaleiro galanteador, porque em festas publicas todos eles o são. O salão darmas desta casa tem uma saída pela galeria: eu esperarei por Maria nesse salão, sairemos, e venceremos na primeira noite uma dúzia de léguas... Na primeira igreja que encontrarmos, ela será a minha esposa á face de Deus... E depois... Protejamos o Deus que nos uniu.

## **D. GUTERRES, irónico.**

O plano é fácil e pronto... É verdade... É pronto e fácil... Nem pode deixar de se sucederem rigorosamente os lances que ela traça... Sim — D. Maria vem á sala darmas... Tu foges com ela... Quem foge, desaparece... No dia seguinte casas... Depois estás casado... É verdade... Estás casado... E tens conseguido quanto queres... O plano é logico!... Anda lá que a tua dama é a cabeça mais engenhosa para este género de planos, que eu tenho visto...

## **D. FERNANDO**

Sempre irónico!...

**D. GUTERRES**, emendando-se.

Irónico! Eu não sou irónico. Queres a amostra de que os lábios que sorriem são sinceros como a alma que os inspira? Fernando de Castro! Na noite aprazada para a fuga, serão meus os cavalos que vos ponham fora dos muros da cidade: — eu e seis criados meus vos acompanharemos, e seremos testemunhas do vosso casamento. Aceitas o meu oferecimento?

**D. FERNANDO**

Aceito... (abraçando-o) És muito meu amigo... És um perfeito cavalheiro, meu Guterres... (ouve-se a música) Ah! Vamos... Vamos... Que nos fogem os venturosos instantes...

**D. GUTERRES**, sorrindo.

A ti... Decerto. A mim, á fé que não... Bem sabes que não amo... A minha alma é um oceano de tormentas onde não mareiam pilotos namorados... Vamos lá, meu caro Fernando...

(Saem).



## CENA IV

### OS ENCAPOTADOS e depois EZEQUIEL

#### 1. ° ENCAPOTADO

Os diabos os levem, que tanto tinham que dizer cá fora!

#### 2. ° ENCAPOTADO

E perdemos a ocasião... O trovador esteve aqui parado a olhar para as janelas....era ele... E quem sabe se voltará...

#### 3.° 4.° E 5.° ENCAPOTADOS, alternativamente.

— É verdade.

— Quem sabe se voltará?

— Voltar... Isso volta ele... Mas bem sabeis com que sagacidade o infante quer que façamos a caçada...

**EZEQUIEL**, entrando.

Nobres senhores! Dai ao cego mendigo a vossa bem dita esmola...

**1. ° ENCAPOTADO**

Cá está o importuno... Vai-te daqui embora, homem!

**EZEQUIEL**

Que mal vos faz o pobre ceguinho, senhores!

**2. ° ENCAPOTADO**

É verdade... Ele é cego... Deixa-lo estar...

**3. ° ENCAPOTADO**

Tu que tens, Ezequiel, fome ou sede?

**EZEQUIEL**

Fome, senhor!

### **3. ° ENCAPOTADO**

Pois nós temos sede e fome, que é mais alguma coisa... Vamos á vida, rapazes.

Responosa-nos, velho, que, se nos não perdermos, hás de matar a fome amanhã.

(Vão saindo).

### **EZEQUIEL**

Pois a Virgem vá na vossa companhia. Eu cá vos fico responsando.

## CENA V

EZEQUIEL e D. GUTERRES depois.

### **EZEQUIEL**

Mais quinze dias... E eu estarei vingado! D. Maria de Noronha é a mulher que perdeu três homens... Aí está dentro um Guterres traidor como um judas.. Aqui estou eu sanguinário como um demónio... Somos dois... Dois condenados... Desgraçado Fernando de Castro!

**D. GUTERRES**, vindo do palácio.

Ouviste, Ezequiel?

### **EZEQUIEL**

Ouvi, D. Guterres.

### **D. GUTERRES**

Ela fugirá... E será dele.

**EZEQUIEL**

Porque a não matas?

**D. GUTERRES**

Matara, matara, se me não pedisses o privilégio de assassino...

**EZEQUIEL**

Tens razão: o assassino sou eu... Quero ser eu... Matara o homem que me roubasse o prazer de assassina-la... Já sei tudo... Preciso da tua proteção no momento da fuga dessa mulher... Prometes-ma, homem?

**D. GUTERRES**

Sim... Tudo... E um segredo eterno...

**EZEQUIEL**

Não quero depois o teu segredo. Diz bem alto por essa cidade que o matador de D. Maria de Noronha foi o judeu Ezequiel. Di-lo bem alto, que os pedaços



do meu cadáver pularão de prazer na fogueira dos judeus. Ver-nos-emos passados quinze dias, não é assim, D. Guterres de Paiva?

## **D. GUTERRES**

É verdade. Dá-me a tua mão de amigo.

## **EZEQUIEL**

Não posso. É impossível sermos amigos. Ambos amamos a mesma mulher: pela raiva não fraternizaremos... Adeus... Deixa-me agora.

(Guterres sai).

## CENA VI

### EZEQUIEL e depois o MARQUÊS DE TORRES-NOVAS

#### **EZEQUIEL**

Raça de pérfidas!... Quem me dera aperta-la em vulto n esta mão, vê-la aqui desfeita em sangue e pó como hei de ver ainda a garganta do dragão que me envenenou a infância!

O Marquês de Torres-Novas, vestido de trovador, entra na cena tocando um mandolim, que já vem tangendo de longe enquanto Ezequiel falou. Traz as barbas postiças: e vem pálido e como sombrio.

**MARQUÊS**, cantando.

*Quero folgados saraus,*

*Quero trovar nesta lira,*

*Quero amor, não quero a guerra,*

*Ruge a guerra, amor suspira.*

## **EZEQUIEL**

Nobres senhores! Dai ao ceguinho a vossa bem-dita esmola.

**MARQUÊS**, reparando.

E sabeis qual de nós será mais pobre?!

## **EZEQUIEL**

Pelo trajar certo que não sei, porque não vejo; mas pelo folguedo do cantar, por Deus, que sois mais feliz que eu!

## **MARQUÊS**

Ai daquele que vive de cantar os prazeres alheios! Um trovador é um mercenário a quem se pagam uns tantos reais, por uns tantos versos, que ele faz da sua lavra, ou pede emprestados a quem os fez.

## **EZEQUIEL**

Então sois poeta, ou fazeis de poeta?... Não sei qual dos nossos ofícios será o melhor. Há em nós uma condição diversa. Vós ides, como o jogral, fazer rir

fidalgos, que se desenfastiam com versos. O bobo faz rir em prosa, e vós em verso, a esmola é a mesma... Ora agora, eu cá também peço esmola, e se não faço chorar, pelo menos não faço rir.

## **MARQUÊS**

Lembraste bem... És cego mas vêes mais que eu... Já agora hei de levar a fim esta vida como tu hás de levar a tua. Tu hás de morrer a mendigar, e eu a cantar... Grande coisa é rasgar a vida em versos, quando para a desfazer em lágrimas má fida no-la deu...

## **EZEQUIEL**

Então vós sofreis muito, ou estais a mentir em prosa?... Basta mentir quando versejardes.

## **MARQUÊS**

Gosto de ouvir-te... Pareces-me um homem singular na tua classe!

## **EZEQUIEL**

Assim o dizem muitos, mas não houve ainda aí, entre os que o dizem, alguém que fizesse de mim exceção aos mendigos... Peço esmola há muitos anos.. E assim vou vivendo confundido com as vulgaridades mendicantes (sorrindo).

**MARQUÊS**, reparando.

Aí vem uma boa roda de encapotados... Que não tem jeito dos bons e leais cavaleiros, a quem a noite é segura como o dia...

**EZEQUIEL**, refletivo.

Espera... Chega-te aqui... Ouve-me... És trovador?... Ou finges sê-lo?

**MARQUÊS**, admirado.

Que pergunta!...

**EZEQUIEL**

Quem quer que sejas... Esconde-te... Depressa...

## CENA VII

(Os encapotados e também encapotado o infante D. Fernando, vem entrando; este por debaixo da capa traja as galas ricas da corte. O marquês sai).

### **EZEQUIEL**

Nobres senhores! Dai ao cego mendigo a vossa bem-dita esmola.

### **1º ENCAPOTADO**

Não te dissemos que te fosses deitar?!

### **2.º E 3.º ENCAPOTADOS, fora**

Fora daqui.

### **INFANTE, retendo-os.**

Deixai o desgraçado que mendiga... É uma infâmia avexar o miserável que nos não inspira compaixão... Não desprezeis quem pede, quando não quiserdes socorrer.

#### **4. ° 5. ° E 6. ° ENCAPOTADOS**

É verdade! É verdade!...

**INFANTE**, meia voz.

Acercai-vos de mim (executam tirando os chapéus e desembuçando-se).

Pela terceira vez vos digo que o trovador deve ser preso, e depois de preso, respeitado e servido. Eu condeno na vida o que lhe puser um dedo. Tendes-me entendido, rapazes?

**TODOS**

Entendemos muito bem.

**INFANTE**

Pois muito bem, espero que executeis. Tomai esta capa...

(Entra no edifício)

**1. ° ENCAPOTADO**, para Ezequiel.

O que te vale meu sabujo... O que te vale...

**5. ° E 6.° ENCAPOTADOS**

Deixa o velho... Vamos á vida.. Rapazes!... Hoje honrados como cavaleiros!...

Já que nos pagam para sermos honrados... Não haja sangue...

**TODOS**

Bem lembrada! Viva a honra!

(Saem).

(Rompe a orquestra à chegada do infante).

**VOZES DENTRO DO PALÁCIO**

Viva sua alteza! Viva sua alteza! Viva! Viva!...



**MARQUÊS**, com a mão sobre o punhal — em frente da porta do palácio.

Infame!

**EZEQUIEL**

Que estais aí a rosnar!? É a rima infiel que vos dá tratos á memória?

**MARQUÊS**, como extático.

Oh! Que muito desgraçado eu sou!

**EZEQUIEL**, à parte.

Quem será este homem?

**MARQUÊS**, para Ezequiel.

Ouviste o que aqui disseram aqueles encapotados?

**EZEQUIEL**

Não... Mas entre eles havia uma voz de homem a quem os outros obedeciam...

Falaram muito baixo, depois... Não ouvi nada...

**MARQUÊS**, concentrado.

Quem sabe se um assassínio...

**EZEQUIEL**, á parte.

Que mistério!

**MARQUÊS**, o mesmo.

A morte sem a vingança!

**EZEQUIEL**, nobremente.

Quem sois, senhor?

**MARQUÊS**, surpreso.

Quem sou? Não sabes já quem sou? Um miserável trovador...

**EZEQUIEL**

Mentis! Se sois cavaleiro não me peçais satisfação por que, em honra vossa, não ma podeis pedir...

**MARQUÊS**, aproximando-se lentamente

E tu quem és?

**EZEQUIEL**

Quem sou? Não sabeis já quem sou? Um miserável mendigo...

**MARQUÊS**

Homem! Fala-me de traições, se as tens na tua vida... Diz-me que és um atraitoado, porque eu jurei de andar errante pelo universo até achar um homem traído mais vilmente que eu!

**EZEQUIEL**, sorrindo.

Tenho dó de ti! Diz-me aí algumas das tuas trovas repassadas de fel e ódio, porque tens um vasto assunto na tua vida.

## **MARQUÊS**

Parece que insultas a desgraça dos outros...

## **EZEQUIEL**

É que eu sou um egoísta com os meus tormentos... Vem cá... Não tenhas nojo destes andrajos... Dá-me a tua mão... Queres ouvir uma história de traições?..^

Ora pois: é um judeu que ta vai contar.

## **MARQUÊS**

Um judeu!

## **EZEQUIEL**

É verdade! Eu queria agora ter olhos para ver o efeito que te fez no rosto este nome da raça mal dita...

## **MARQUÊS**

Ver-mo-ias sereno... Continua.

## **EZEQUIEL**

Amei uma mulher da tua tribo, cavaleiro cristão! Amei-a com fogo de coração árabe... Amei-a como se o mundo fora um deserto e ela a única mulher do mundo. Quando a não amasse mais, amei-a tanto como amaste a tua, porque a maldição do vosso cristo não chegou aos corações dos amaldiçoados... (silencio).

## **MARQUÊS**

Diz.

## **EZEQUIEL**

O teu rei faz-nos guerra de morte. Os meus irmãos vagam a estas horas por esse mundo desterrados, pobres, perdidos..

## **MARQUÊS**

E tu!?

**EZEQUIEL**

Estou aqui como vês.

**MARQUÊS**

E não pudeste...

**EZEQUIEL**

Não pude o quê?

**MARQUÊS**

Sair de Portugal por pobreza?

**EZEQUIEL**

Eu pudera forrar de ouro o maior galeão do teu rei que me levasse... O que não pude foi afastar-me dessa mulher que amava muito.

## **MARQUÊS**

Confundes-me, homem! Tu... Cego... Mendigo...

**EZEQUIEL**, sorrindo.

Cego!... É o hábito de ter os olhos cerrados que me faz cair na falta de os não ter aberto... Bem vêes que a minha vista é tão clara como a tua!... (Pega-lhe na mão, e colocam-se no meio da cena) Vós, afeitos a muita franquia e lealdade, não sabeis fingir olhos e caras... E esconder debaixo de um manto de farrapos um punhal de vingança quando o ouro já não vingal!... Adiante, não é assim? Estás ansioso por saber o que te falta... Em quanto o judeu coberto d'ouro e pedrarias campeava por entre os mais ricos infanção da corte... Em quanto o judeu fascinava a raça feliz das belas cristãs, o judeu era a vida, e os sonhos da perjura... A perjura renegaria do seu Deus e da sua lei, se lhe eu dissesse um dia — «terás metade dos meus tesouros!» Proclamou-se o pregão inexorável do extermínio. Os filhos foram arrancados aos pais, os pais verteram o veneno nas entranhas dos filhos, outros renegaram, e muitos foram dispersos ou mortos em nome de Jesus-Cristo, do trono. E da santa religião. Eu nem me suicidei, nem me fui a terras estranhas. Tinha pai, e mãe, e irmãos, e amigos... Dei-lhes a maior parte do meu ouro... E fiquei por cá, meu cavaleiro, na tua deliciosa terra, como uma gota de sangue num cândido panal da Pérsia.

Desculpa ao mendigo este dizer queixoso... Olha que sou muito desventurado!...

## **MARQUÊS**

Continua... Eu ouço-te, como se fora um teu confidente... Um teu amigo... Um teu irmão de raça.

## **EZEQUIEL**

Fui muitas noites á porta da minha amada... Passei-as no silêncio da dor... Se me viu... Negou-se-me... Se me falou... Com duas palavras... Queimou-me as esperanças... Calcou-me o orgulho de homem... Matou-me o sentimento bom desta alma, que tive generosa e grande...

## **MARQUÊS**

Que te disse ela?

## **EZEQUIEL**



«És um judeu, o nosso amor é um crime» — foi o que ela me disse... Tinha perjurado... Estava nos braços de um amante... Desprezara-me por ele, como desprezara outro por mim...

**MARQUÊS**

Que intentas?

**EZEQUIEL**, friamente.

Mata-la.

**MARQUÊS**

Mata-la!

**EZEQUIEL**

Espanta-te, homem! Mentiste-me quando me disseste que eras um atraitadoado... Que intentas fazer tu á tua pérfida?

**MARQUÊS**

Nem eu sei! Se tu soubesses a minha vida...

## **EZEQUIEL**

Não ma contes se é uma traição... São todas assim como esta... Concebida a ideia de uma mulher, e de uma traição... O mais é a diferença de lugar, e de tempo...

## **MARQUÊS**

E como tens podido passar sem ser conhecido?

## **EZEQUIEL**

Facilmente. Esta raça de judeus o que não tem de fé deu-lho Deus de engenho. Este homem com quem agora falas, se logo o vires, dirás que nunca o viste. Demais, se uma fatalidade me descobrisse, há aí entre os grandes da corte uma mulher que me protege... É uma generosa mulher comigo... Mas também é uma pérfida... Assim havia de ser... Creio que um recado meu para ela me livraria da fogueira dos judeus...

## **MARQUÊS**

Por quê?!

**EZEQUIEL**

É um segredo muito importante -que lhe traria uma infâmia grande se fosse revelado... D. Guiomar Coutinho...

**MARQUÊS**, sobressaltado.

Que dizes?

**EZEQUIEL**

Parece que vais criando um grande interesse com a minha história!

**MARQUÊS**, o mesmo.

Diz... Diz... Continua.

**EZEQUIEL**

Não digo mais nada.

**MARQUÊS**, mudança de voz.

Homem! Tu conheces-me?

**EZEQUIEL**

Não!

**MARQUÊS**

Sabes que D. Guiomar Coutinho é casada?... (Silêncio) responde... Fala...

**EZEQUIEL**

Sei.

**MARQUÊS**

Como é que o sabes?

**EZEQUIEL** Fui testemunha do seu casamento.

**MARQUÊS**

Tu!

**EZEQUIEL**

Sim, eu.

**MARQUÊS**, procurando-lhe avidamente as feições, e afastando-lhe os cabelos do rosto.

**EZEQUIEL!**

**EZEQUIEL**, recuando.

Quem te disse o meu nome?

**MARQUÊS**, serenamente.

Já rezaste por alma do t.eu amigo de infância?... Julgaste morto no desterro o  
Marquês de Torres Novas?

**EZEQUIEL**

Deus de Abraão!... Que ouvi!

**MARQUÊS**, tirando as barbas.

Duvidas, Ezequiel?

**EZEQUIEL**, no maior transporte abraçando-o.

D. João de Alencastre!

**MARQUÊS**

Muito desgraçados somos, amigo!

**EZEQUIEL**, recordando-se.

Espera ... Já falaste com Guiomar?!

**MARQUÊS**, serenamente.

Já... Duas vezes...

**EZEQUIEL**, vivamente.

Oh! Livra-te de um veneno que saiu das minhas mãos!

**MARQUÊS**, a mesma quietação.

Já estou livre!

Ouvem-se vozes perto e rumor de passos)

**EZEQUIEL**

Vem gente... Oculta-te... Retira-te, se poderes... Uns encapotados cruzam este  
terreiro... Procuram-te decerto...

**MARQUÊS**

Dizes bem, Ezequiel, eu me esconderei, porque ainda é cedo para mostrar-me.

(O marquês retira-se — Ezequiel compõe-se para pedir esmola).

(Abre-se a janela rasgada do fundo e vê-se a iluminação, cavaleiros e damas passeando).



## CENA VIII

D. GUIOMAR e o INFANTE, perto da janela.

### **D. GUIOMAR**

Lembrou-se bem vossa Alteza — A gente abafa aqui dentro... Ai! Que aragem tão consoladora...

(Os cavaleiros tem desaparecido, e ficam sozinhos D. Guiomar e o infante, chegam á janela com intimidade).

### **INFANTE**

Que linda noite, Guiomar!

### **D. GUIOMAR**

É verdade, que lindo luar!... As noites encantadoras são a cópia fiel da minha vida... O amor no meio das trevas. Quantas noites assim contemplaremos ditosos?

## **INFANTE**

Tu reclinada no meu seio...

## **D. GUIOMAR**

E eu recebendo dos teus lábios o doce beijo da nossa ternura...

**INFANTE**, reparando em Ezequiel.

Que vulto é aquele?

## **D. GUIOMAR**

Ah! É o cego da minha devoção... Ó ceguinho! Apare lá a esmola... Coitado!...

Tendes tido muita esmola?

## **EZEQUIEL**

Não muitas, nobre senhora! Os cavaleiros do vosso sarau bem mostram que ainda não estiveram na Índia... (Aparando) Deus Nosso Senhor vo-la veja dar, e vos prospere mil venturas na companhia do vosso futuro esposo... Ficai com a Virgem, nobres senhores...

(Sai da cena e passando pelo marquês que aparece encostado a uma coluna).

Ver-nos-emos outra vez.

## CENA IX

O INFANTE, D. GUIOMAR, COUTINHO, e o MARQUÊS, oculto.

**D. GUIOMAR**

Mal sabes tu, Fernando, quem este homem é!

**FERNANDO**

Um desgraçado mendigo, não é assim?

**D. GUIOMAR**

Como te enganas! É um judeu que conspira contra a vida do teu irmão... Tem relações muito íntimas com Lopo Vaz de Sampaio.

**MARQUÊS**, meia voz.

Infame!

**FERNANDO**

Que dizes, D. Guiomar?!

**D. GUIOMAR**

Assim to afirmo, e bom seria que fosse preso... E exterminado...

**FERNANDO**

Sim... Mas é necessário convence-lo primeiro...

**D. GUIOMAR**

Dareis lugar a que ele se defenda... Porque é rico e poderoso... Nada de processos...

**MARQUÊS**, à parte.

Santo Deus! Que mulher!

**D. GUIOMAR**

Faz saber isto ao rei... E abraça-me por te revelar um alto mistério de estado...

Não estás orgulhoso da tua espia secreta?...

**INFANTE**, distraído.

Sim... Decerto... Eu darei as ordens...

**MARQUÊS**

Onde o encontrarei, meu Deus!

**D. GUIOMAR**

Como isto aqui é lindo!... Eu não gosto desta música estrepitosa dos saraus...

Antes as coplas de um trovador, descantadas no mandolim, não. Gostas mais, Fernando?

(Ouve-se o arpejo de instrumento).

**D. GUIOMAR**

Escuta... Não ouves... Fernando?

**FERNANDO**

Ouço, é algum trovador enamorado...

**D. GUIOMAR**

Oh! Se ele cantasse...

**MARQUÊS**, dentro — cantando.

*Goza inteiro o prazer que desejas! (erguem-se)*

*Bem fadado será o menestrel,*

*Que poder com os seus cantos mimosos*

*Deitar-te*

**INFANTE**, sobressaltado.

Retiremo-nos, D. Guiomar.

## CENA X

**MARQUÊS**, virado para a janela.

Não gostas destas músicas, Guiomar! (desesperação) E agora? Nada de fingimentos! Disfarces são traições!... (arremessa o bandolim) forca meu braço... (arranca o punhal) Cobarde!... Se tens uma alma mais nobre que a da tua barregã... Vem aqui fora provar-me que ela o não é!... Não virá, que é um vil como ela... (crava o punhal na porta) esperaremos, meu punhal!... Tu sim, fiel, só tu!

(Vem á frente do palco).



## CENA ÚLTIMA

OS ENCAPOTADOS com mais quatro entram e dirigem-se ao MARQUÊS; dois deles vão arrancar o punhal da porta; o Marquês corre para o tirar, e estorvam-no.

### **ENCAPOTADOS**

Estais preso!

### **MARQUÊS**

Infames... Eu para vós todos!...

**2 ENCAPOTADOS**, sem o tocarem.

Estais preso, senhor! A resistência seria uma loucura.

**UM ENCAPOTADO**, travando-lhe do braço e afastando-se da turba.

Eu te salvarei!

**MARQUÊS**

Esta voz! (Ezequiel mostra-lhe o rosto) Ezequiel!

(Acercam-se os encapotados).

FIM DO TERCEIRO ACTO

## ACTO IV

### PRIMEIRO QUADRO

O teatro representa o recinto da taverna de Mestre Gil, Mesas aos lados: numa delas ires camponeses comem, e conversam, mostrando sempre grande atenção para D. Guterres e Ezequiel, que estão á mesa com botelha e copos: estes estão disfarçado# com chapéu aragoneses e mantos.

## CENA I

D. GUTERRES, EZEQUIEL, OS CAMPONESES, e MESTRE GIL.

**MESTRE GIL**, para os da mesa da esquerda.

Vós para aqui bebeis muito pouco! Quereis fazer lastro com uns restos de perdiz que aí tenho?

**D. GUTERRES**

Talvez mais velhos que esta vil zurrapa que poses-te aqui?

**MESTRE GIL**

Zurrapa! O meu vinho, zurrapa! Que blasfémia! Santo nome de Deus padre!

(para os da outra mesa) Ó rapazes! Estão aqui a chamar zurrapa ao meu vinho!...

**OS TRÊS DA MESA**

Lá o vinho bom é.

## **MESTRE GIL**

Ouvistes o que aqueles dizem? Pois são os maiores bêbados da freguesia.

## **EZEQUIEL**

Está bom, está bom, vai-te embora: queremos conversar.

## **MESTRE GIL**

Conversem lá o que quiserem, mas não digam que este vinho é zurrapa... Isto!

(pegando de um copo e examinando o vinho) isto... Zurrapa, quem?

## **UM DOS DA MESA DIREITA**

Ó mestre Gil!

(este vai-se e senta-se com eles).

**EZEQUIEL**, meia voz com Guterres.

Não sabes ainda o dia da partida?

## **D. GUTERRES**

D. Fernando de Castro, como tu já ouviste, disse-me que seria num a das oito noites de bailes, que hão de celebrar o casamento do infante com D. Guiomar Coutinho.

## **EZEQUIEL**

Mas quem sabe se esses festejos se farão?

## **D. GUTERRES**

Fazem, decerto, porque o Marquês de Torres Novas não deu provas nenhuma. Dizem que havia na cidade de Lisboa uma testemunha do seu casamento, mas que ele não queria declarar-lhe o nome. Foram á igreja de Odivelas procurar o livro dos casamentos, o prior tinha morrido, e o livro desapareceu. O tribunal hoje mesmo deu a sentença contra o Marquês; e condenou-o a degredo perpétuo.

**EZEQUIEL**, exaltado.

Por tua honra, que isso assim foi, Guterres?...

**D. GUTERRES** pela minha honra, pelos ossos do meu pai.

**EZEQUIEL**, erguendo-se.

Infames!

(Mestre Gil, e outros erguendo-se.)

**MESTRE GIL**

Então, que é isso?

**D. GUTERRES**, para Ezequiel.

Que te importam a ti estas coisas, Ezequiel?

**EZEQUIEL**, emendando-se.

É verdade... Não me importam... Mas tenho dó...

**MESTRE GIL**

Então há por aqui algumas desavenças?

**EZEQUIEL**, forte.

Deixa-nos!

**MESTRE GIL**, afastando-se assombrado.

Perdão, perdão! (meia voz) Que me dizem ao tal berro!?

**D. GUTERRES**, para Ezequiel que tem a cara oculta entre as mãos.

Já vêes que tudo corre ás maravilhas para a execução... Tu não atendes?

**EZEQUIEL**, erguendo a face.

Atendo: o resto já eu sei... Numa dessas noites de bailes D. Maria de Noronha tenciona fugir não é assim?

**D. GUTERRES**

É verdade.



**EZEQUIEL**

Tu introduzes-me no palácio de D. Guiomar Coutinho.

**D. GUTERRES**

É verdade.

**EZEQUIEL**

**D. MARIA** há de vir á sala de armas onde D. Fernando de Castro a aguarda, não é assim?

**D. GUTERRES**

É, e eu hei de introduzir-te na sala darmas, e convencionaremos então a senha que te hei de dar no momento em que ela partir para a sala, entendes-me?

**EZEQUIEL**

Entendo.

**D. GUTERRES**

Dar-te-ei uma chave de porta falsa por onde fugirás, depois...

**EZEQUIEL**

Depois do assassino... Fala... Não receeis de ofender-me. Não quero chave falsa, nem quero fugir...

**D. GUTERRES**

Mas se és preso... E posto a torturas.. Talvez descubras os cúmplices...

**EZEQUIEL, forte.**

Cala-te, homem! Pareces-me tão tímido como desconfiado! Quando acabareis de saber que a alma de um judeu é maior que o convento do vosso rei D. Manuel?

(Estas palavras ditas em alto som tem assustado os camponeses, que se vão escapando sorratamente).

**D. GUTERRES**

Fala baixo, homem, que nos ouvem!

**MESTRE GIL**, meia voz.

Este é que era azado para o empenho do tal desconhecido!

**EZEQUIEL**

Não temos mais precisão de estarmos juntos, adeus. Vernos-hemos pela derradeira vez, nos saraus de D. Guiomar Coutinho... Vai-te...

**D. GUTERRES**

Tu ficas por aqui?

**EZEQUIEL**

Fico.

**D. GUTERRES**

Adeus.

(Vai-se).

**MESTRE GIL**

Então este senhor é o que paga?

**EZEQUIEL**

Sou.

(lança dinheiro a cima da mesa).

**MESTRE GIL**, embolsando.

Sim... Perguntava eu...

## CENA II

EZEQUIEL, e PEDRO GIL

**EZEQUIEL**, deitando-se sobre um escabelo.

Que horas são?

**PEDRO**

Nove dadas na torre de Belém. Quereis cá ficar esta noite?

**EZEQUIEL**

Não, mas quero esperar pelas dez.

**PEDRO**

É que, se quiserdes cá pernoitar, eu dou-vos um bom gasalhado... Ainda que eu seja confiado, como o outro que diz, vós sois de por aqui?

**EZEQUIEL**

Que te importa? Eu não sou daqui nem de além. A tua taverna é agora a minha pátria.

## **PEDRO**

Por muitos anos e bons. E olhai que bem se vive nela, e muito boa gente cá vem consultar o mestre Gil, sobre coisas de alguma monta.

## **EZEQUIEL**

Não admira. Os homens da nossa laia tem às vezes a chave de grandes segredos. Se não temos uma alta inteligência, compensou-nos a natureza com um braço forte. Às vezes aprecia-se mais um punhal num braço popular, que um grande pensamento na cabeça de um doutor em física.

## **MESTRE GIL**

Lá isso é verdade, (d parle) Este parece que servia! (alio) Então vós sois cá dos meus, heim?

## **EZEQUIEL**

Está vistos raça pura de peão e tigre furioso contra fidalgos e judeus.

**MESTRE GIL**

Valente como as armas, heim?

**EZEQUIEL**

Lá isso não sei: o que posso dizer-te é que tenho afrontado homens e armas; as armas brunidas estalaram-me debaixo da adaga grosseira; os homens, que as vestiam, pediram-me misericórdia.

**MESTRE GIL**, á parte.

Está dito... Vou-lhe falar no tal negócio — (alio) Ainda que eu seja confiado, como é a vossa graça?

**EZEQUIEL**

Chamam-me Lopo.

**MESTRE GIL**

Por muitos anos e bons. — Pois, senhor Lopo, eu tinha bem vontade de falar-vos de um negócio de bastante interesse... Se não levais a mal...

**EZEQUIEL**

Eu não levo nada a mal... Diz o que quiseres... Mas deixa-me ouvir-te com as comodidades possíveis [deita-se no escabelo).

**MESTRE GIL**

Não que o caso é muito sério...

**EZEQUIEL**

Não há no mundo caso, que por mais serio, se não ouça bem deitado — Ora fala para aí.

**MESTRE GIL**, indo fechar as portas, trazendo um copo de vinho a Ezequiel.

Bebei deste vinho, que é cá uma reserva particular.



## **EZEQUIEL**

Não quero vinho...

## **MESTRE GIL**

Homem... Essa!

**EZEQUIEL**, apenas tocando com os lábios no copo.

É ótimo... Diz lá esse negócio.

## **MESTRE GIL**

Pois, Sr. Lopo, ontem por volta de oito horas da noite, bateram-me á porta de rijo. Abri, e entrou por aqui dentro um encapotado sem descobrir a cara. Deu-me as boas horas... E aquela voz pareceu-me de mulher. Sentou-se aí nesse escabelo e parece que tinha medo de falar. Depois, muito depois, começou assim a dizer:

— «Mestre Gil, a tua taverna é frequentada por algum homem a quem se possa oferecer um saco de ouro?» A isto respondi eu: se vós quereis oferecer um saco de ouro, aqui estou eu que bem preciso dele — Disse depois o encapotado: «Será teu se executares o que te vou propor». Esteve um pouco

calado, ou calada, porque cada vez se me afigurava mais ser mulher pelo timbre da voz, e depois continuou desta maneira... Reparando em Ezequiel)  
Vós estais a dormir?!...

## **EZEQUIEL**

Não; que te disse depois o homem ou a mulher?

**MESTRE GIL**, á parte.

Bem — ele vai-se interessando no conto, (alto) Disse-me assim: «Existe um homem num cárcere, quero que este homem seja morto, quem o matar poderá depois pagar com ouro aos matadores dos seus inimigos. (Ezequiel vai-se levantando pausadamente) Atreves-te ou sabes quem se atreve a fazelo?» Eu fiquei sem pinta de sangue, como diz lá o outro; mas... Ao mesmo tempo lembrei-me cá de um certo freguês, que por aqui costuma vir, e disse-lhe que.. Poderia ser, que aparecesse alguém que o fizesse... Fiz-lhe umas perguntas a respeito de perigos que corria a empresa, e o tal homem ou mulher... Sim, porque eu não sei... Disse-me que não havia risco, e que esse tal que quisesse ganhar o dinheiro havia de entrar no cárcere com um sinal... Matar o preso... Lança-lo de noite ao Tejo... E deixar uma carta, ou não sei que, na prisão.

**EZEQUIEL**, com a maior curiosidade.

E pareceu-te que à voz do encapotado era de mulher?!

**MESTRE GIL**

Eu não juro; mas diabos me levem se não era!

**EZEQUIEL**

Que altura tinha?

**MESTRE GIL**

Altura!... Lá a respeito de altura... Dava-me por qui, pouco mais ou menos  
(indicando o pescoço).

**EZEQUIEL**

Será possível que seja ela?!

**MESTRE GIL**

Então... Que vos parece?

**EZEQUIEL**

Quando torna aqui o encapotado?

**MESTRE GIL**

Vem logo buscar a resposta.

**EZEQUIEL**

Logo? Hoje? Esta noite?

**MESTRE GIL**

E verdade. Agora vede lá...

**EZEQUIEL**

Vede lá o quê?

**MESTRE GIL**

Sim... Dizia eu... Se vos fizesse conta...

**EZEQUIEL**, sorrindo.

Matar o homem... É o que queres dizer?

**MESTRE GIL**, hesitando.

Eu... Apesar de não saber com quem falo.

**EZEQUIEL**, sorrindo.

Achas-me com cara de matador, não é assim

**MESTRE GIL**

Não... Mas como o outro que diz...

**EZEQUIEL**

Pois bem: tudo é possível. Eu esperarei que venha esse anjo da morte com o saco de ouro. Esconder-me-ás, e diz-lhe que achaste um homem: pede-lhe as explicações necessárias...

**MESTRE GIL**, atalhando.

Isso está visto.

**EZEQUIEL**

E depois falaremos.

(Ditas pancadas na porteira).

**MESTRE GIL**

Ora esperai...

**VOZ**, de mulher.

Mestre Gil! Abri.

**EZEQUIEL**, para Mestre Gil que quer ir abrir.

Não vás... Espera... (vai escutar á porta).

**VOZ**

Mestre Gil! (batendo duas pancadas) Mestre Gil!

**EZEQUIEL**, afastando-se e com transporte.

É ela!

**MESTRE GIL**

Ela... Quem?

**EZEQUIEL** Vai abrir... Onde me escondes?

**MESTRE GIL**, apontando.

Aí, aí nessa alcova.





## CENA III

D. GUIOMAR COUTINHO (encapotada em trajes de homem) E MESTRE  
GIL

**MESTRE GIL**

Deus vos traga.

**D. GUIOMAR**, querendo contrafazer a voz.

Demoraste-te!

**MESTRE GIL**

Estava lá dentro arrumando a trapalhada da cozinha.

**D. GUIOMAR**

Então?

**MESTRE GIL**

Então... O homem está arranjado.

**D. GUIOMAR**

Decerto?

**MESTRE GIL**

Decerto, como vo-lo digo... O homem está pronto.

(D. Guiomar senta-se: como quebrantada, deixa pender a cara para as mãos e conserva-se assim algum tempo. Mestre Gil encara-a, e encolhe estupidamente os ombros).

**MESTRE GIL**

Parece que não estais bom!... Quereis tomar alguma coisa?

**D. GUIOMAR**

Não. Eu posso falar com esse homem?

## **MESTRE GIL**

Parece-me que não; mas, á falta dele, aqui estou eu para receber as explicações, e o dinheiro; e o mais deixa-lo cá pela minha conta.

## **D. GUIOMAR**

Vem cá, escuta-me. O homem que quiser ganhar estas dobras (põe um saquito sobre a mesa) há de ir á torre de Belém; apresentará ao carcereiro este anel (tira um anel do dedo); o carcereiro há de guia-lo a uma prisão reservada... (voz tremula) encontrará aí um preso, e depois... (confusa).

## **MESTRE GIL**

Então que é isso... Quereis uma pinga de vinho?

## **D. GUIOMAR**

Não.. Deixa-me...

(Ezequiel cautelosamente vem á cena; cruza os braços encarando-a, sem que ela o veja. Gil, por detrás de Guiomar, mostra-lhe a bolsa com grande

contentamento. Ezequiel acena-lhe com a cabeça em ar de aprovação, e retira-se).

**D. GUIOMAR**

Gil..

**MESTRE GIL**

Aqui estou... E depois esse homem...

**D. GUIOMAR**

Há de fazer com que o preso assigne esta carta... (dá-lhe uma carta dobrada)

Esta carta há de ficar no cárcere, o homem há de ser...

**MESTRE GIL**

Morto, não é assim?

**D. GUIOMAR**

E depois lançado ao Tejo... E as portas do cárcere hão de ficar abertas...

**MESTRE GIL**

Muito bem! Muito bem... Contai com a execução de tudo...

**D. GUIOMAR**

Posso ir descansada... Não é assim, Gil?

**MESTRE GIL**

Podeis...

**D. GUIOMAR**

Adeus!

(Sai).

## CENA IV

### EZEQUIEL E GIL

#### **EZEQUIEL**

Dá cá essa carta... E o anel. (Recebe-os).

#### **MESTRE GIL**

É verdade!.. Vós sabeis ler?! Vamos ver o que ela diz...

**EZEQUIEL**, abrindo a caria.

Põe a melhor vianda que tiveres sobre essa mesa...

**MESTRE GIL**, diligente. É verdade... Tendes razão...

(Ezequiel lê mentalmente a carta, com grandes com. Moções, entretanto que mestre Gil prepara a mesa).

**MESTRE GIL**, voltando do arranjo da mesa.

Essa carta diz que há de ser assignada pelo preso... Ezequiel, que ficou de braços cruzados como extático. Já sei.

**MESTRE GIL**

Dareis o anel ao carcereiro... Ouvistes?

**EZEQUIEL**, o mesmo

Ouvi.

**MESTRE GIL**

Vamos agora contar o dinheiro antes de cear... Heim?

**EZEQUIEL**, saindo.

Adeus, mestre Gil.

**MESTRE GIL**

E o dinheiro?... Esperai...

**EZEQUIEL**

Fica tu com ele

**MESTRE GIL**

Eu!... Que dizeis?

**EZEQUIEL**

Adeus.

**MESTRE GIL**

E alceia?

**EZEQUIEL**

Come-a.



**MESTRE GIL**, vindo de frente com grande espanto. Que diabo é isto?

## SEGUNDO QUADRO

Vista de cárcere. O Marquês, vestido como o vimos quando preso, com o rosto natural, mas desfigurado pela palidez, está sentado no banco dos réus — Sentados em frente, três inquiridores do eclesiástico, alternativamente assinam um papel.

## CENA I

O MARQUÊS DE TORRES-NOVAS e os INQUIRIDORES DO ECLESIÁSTICO.

### 1. ° INQUIRIDOR

Não tendes mais nada a alegar na vossa defesa?

### MARQUÊS

Mais nada.

### 2. ° INQUIRIDOR

Escusavam-se os vossos embargos á nossa última sentença.

### MARQUÊS

Pois então... Deus tome da sua mão a minha causa.

### 3. ° INQUIRIDOR

Ámen.

## **1. ° INQUIRIDOR**

A lei condena-vos, na qualidade de nobre, a degredo perpétuo... Veremos a piedade do soberano se vos comuta a pena.

(Erguem-se para sair).

**MARQUÊS**, erguendo-se com arrebatamento.

Condenado a degredo perpétuo!

## **2. ° INQUIRIDOR**

Remediai-o, que podeis.

**MARQUÊS**

Ide, senhores! Deixai-me!

**TODOS**

Ficai com Deus, senhor marquês.

(Saem).

## CENA II

MARQUÊS DE TORRES-NOVAS e depois o INFANTE D. FERNANDO.

### MARQUÊS

Condenado a degredo perpétuo! Parou nisto a minha vida! Já não tenho recursos... Perdi as esperanças todas... Recorrer agora... Só para o punhal!... Quem me há de soltar deste cárcere... Quem me dará um momento de liberdade para esmagar o coração daquele demónio?...

INFANTE, ao fundo.

Provavelmente ninguém.

(O Infante sossegadamente caminha para o marquês, que o encara com altivez).

Marquês de Torres-Novas, conheces-me? É ocioso perguntar-to... És meu primo, fomos amigos, hoje somos rivais — Serenidade, marquês. Não te temo, nem tu me receies. Hás de ouvir-me. Tens sido pouco nobre nas tuas paixões... Quando se ama uma mulher, ou ela se deixa erguer um trono de domínio na alma, e então o homem ama por desejo e gratidão; ou ela repele os afetos do que a requesta, e então é nobre o deixa-la na livre escolha de

quem lhe apraz. A calúnia cuspidada na mulher frágil por espírito de vingança...  
É uma infâmia, não digna do filho do duque de Coimbra; é uma ação que um  
escudeiro não pratica, é um comportamento... Que...

## **MARQUÊS**

Basta... D. Fernando!

## **INFANTE**

Hás de ouvir-me, porque venho aqui para salvar-te. Tive meios seguros de te  
fazer pagar com a vida um erro que te envergonha... Mas não os aproveitei...  
Quero que vivas, porque a pátria e eu exigimos a tua amizade e os teus  
serviços... Tens hoje mesmo a liberdade, o perdão, se te desdisses da  
falsidade que levaste aos tribunais sem uma prova que deixasse um momento  
em suspeita a tua honra de cavaleiro... Foste condenado a degredo perpétuo...  
Apelaste para o tribunal eclesiástico, esse decidiu como devia... Está provado,  
marquês, que o teu crime é o muito amor, e esse muito, e muito repellido.

## **MARQUÊS**

D. Fernando! Que me pões a torturas com que não posso! Deixa-me... Não quero perdão, nem liberdade... Reserva o nome dessa adúltera... Não o pronuncies... Vai-te!

## **INFANTE**

Não me irei sem dizer-te que esta noite te serão abertas estas portas, serás levado por gente minha ás vizinhanças de Castela; passarás, rico dos meus haveres, a reinos estrangeiros, e dar-me-ás tua palavra de cavaleiro de não mais voltar a Portugal.

## **MARQUÊS**

Não dou! Quero o degredo perpétuo, não quero ser rico do teu ouro... Oh! Tu não crês que essa adúltera é minha mulher?

**INFANTE**, sempre sereno.

Não creio: mostra-me um documento que me faça crer-te.

## **MARQUÊS**



Não os tenho...

**INFANTE**

Nem um acento...

**MARQUÊS**

Foi rasgado...

**INFANTE**

Nem uma testemunha...

**MARQUÊS**

Existe uma...

**INFANTE**

Já o disseste, mas que é dela?

**MARQUÊS**

Não posso... Não posso nomeá-la...

**INFANTE**

Bem : não há nada que esperar... Marquês, aceitas a minha proteção?

**MARQUÊS**

Não.

**INFANTE**

Reputas-me um émulo generoso?

**MARQUÊS**

Deus tenha compaixão de ti, quando o futuro te apontar qual de nós é o mais desgraçado!

**INFANTE**

**MARQUÊS!** Tenho pura a minha consciência...

(Sai).

### CENA III

MARQUÊS DE TORRES-NOVAS E O CARCEREIRO, e depois  
EZEQUIEL.

(O carcereiro fecha a porta).

**MARQUÊS.**

A minha situação, meu Deus!

(Duas pancadas fora).

**CARCEREIRO**

Quem bate? (O marquês é estranho á cena que se passa).

**VOZ EXTERIOR**

Abre.

## **CARCEREIRO**

Trazeis senha?

## **VOZ**

Trago.

**CARCEREIRO**, abrindo o miradouro da porta.

Dai cá, e esperai — (vem á boca da cena confrontar um anel que recebeu, com outro que tem) (meia voz) Não há duvida: é este o anel semelhante. Dois anéis de brilhantes e duzentas dobras cunhadas em Goa... Muito bem... (repetem as pancadas na porta) lá vou, lá vou.

(Vai abrir a porta).

## CENA IV

EZEQUIEL, como no primeiro quadro, MARQUÊS DE TORRES-NOVAS  
E O CARCEREIRO.

Ezequiel, sem desembuçar-se, traz pela mão o Carcereiro á boca da cena, e  
fala-lhe a meia voz:

**EZEQUIEL**

Já sabes a que venho?

**CARCEREIRO**

Sei... O homem está ali (indicando o marquês),

**EZEQUIEL**

Trago uma carta...

**CARCEREIRO**

Que deve ser assignada pelo preso...

**EZEQUIEL**

E que tu deves...

**CARCEREIRO**

Ir mostrar ao cabido, e ao rei, e á corte... Entretanto que vós...

**EZEQUIEL**

Hei de matar este homem, que...

**CARCEREIRO**

Eu depois lançarei ao Tejo...

**EZEQUIEL**

Quem to disse?

**CARCEREIRO**

E a vós?

**EZEQUIEL**

Não sei.

**CARCEREIRO**

Eu também não.

**EZEQUIEL**

Pois é o mesmo: ausenta-te por um instante — Eu te chamarei.

**CARCEREIRO**

Às vossas ordens

(Sai).



## CENA V

### EZEQUIEL e o MARQUÊS DE TORRES-NOVAS

**EZEQUIEL**, sondando o pulso do marquês.

Que almas tão pequenas! Valentes, no campo da batalha, quando barateiam a vida para engastarem na coroa do seu rei uma perola, roubada aos pacíficos habitantes do oriente! — Cobardes de honra e espirito, quando é necessário vingar uma ofensa própria! Desmaiado, como uma mulher... Pobre homem... Tinhas um coração como poucos! Ele aqui está deixando-se morrer num cárcere... Escrupuloso de sacrificar a palavra de honra de um instante a uma vingança de toda a vida! (Agitando-o) João de Alencastre!... Marquês de Torres-Novas!... Primo de D. João III!... (o marquês ergue a cabeça, e fita Ezequiel com penetração) Ergue-te, que está aqui o mendigo da raça proscrita! Levanta-te, grande de Portugal! — é um judeu enxovalhado das vaias da plebe, que te chama á vida e á vingança!

**MARQUÊS**, vozes abafadas e demoradas.

Ezequiel! Também tu!

## **EZEQUIEL**

Também eu. Ezequiel cobriu um manto de aguazil, derrubou a aba do chapéu, entrou na turba dos assalariados para te salvar, homem que falas e não pensas! Que a tua pérfida mulher te não pegue o contágio da ingratidão!... João de Alencastre! A minha voz vai soar altiva, como ninguém a ouviu há muitos anos! Márquez de Torres-Novas! Eu sou o teu libertador! (abraçando-o).

## **MARQUÊS**

Oh meu amigo!

**EZEQUIEL**, mostrando-lhe a carta que recebera.

Assigna esta carta!

## **MARQUÊS**

Esta carta!... Isto que é?!

**EZEQUIEL**, sorrindo.

Isto... É quase nada... É uma mulher, que manda a um cárcere matar seu marido, por alguns punhados dourado. (mostra-lhe a bolsa, que arremessa depois sobre a mesa) É uma carta que o marido há de assignar um momento antes de morrer. Escuta: (aproxima-se com ele de uma alampada suspensa e lê. Durante a leitura, o marquês exprime com alguns monossílabos soltos a sua desesperação).

«D. Guiomar Coutinho foi a primeira e a última mulher que amei no mundo. Nunca fui amado por ela, e todo o amor que lhe tive alfim converteu-se-me em ciúme, odio, e desejo de uma vingança. Achava-me em Ceuta a cumprir um degredo, quando me constou que D. Guiomar ia ser esposa do infante D. Fernando. Fugi do degredo, vim á pátria acusar D. Guiomar de adultério. Cuidei que me vingava, mas o proveito que colhi desta infame calúnia foi o remorso para toda a minha vida. Fui condenado a degredo perpétuo... Forcejei por fugir deste cárcere, pude consegui-lo; mas, no momento da minha fuga, bradou-me a consciência mais alto que todas as minhas paixões. Entendi que devia deixar nesta prisão um documento assignado pela minha firma declarando inocente de todas as minhas calúnias essa mulher que me perdeu pela sua isenção. Ninguém me tornará a ver... Peço perdão á minha família de a ter deslustrado com um crime indigno dos nossos avós; peço perdão a D. Guiomar... E se ela me perdoar, também conto com o perdão de Deus.»

Segundo as determinações da tua esposa, esta carta devia ser-te apresentada desta maneira: (toma uma posição arrogante: ameaça-o com o punhal e aponta

para a carta que põe sobre a mesa) Assigna! (mudando de voz e maneiras) Tu assignavas... É crível que sim... E depois a tua assinatura ia proclamar á corte a inocência da tua mulher, o teu cadáver era um segredo que as ondas do Tejo não descobririam, e o teu assassino matava sem saber a quem matava. (O marquês está, exausto de forças com a face escondida entre as mãos; Ezequiel bate-lhe no ombro) Coragem, cavaleiro de Diu! Ergue essa cara que ostentaste ativa diante das hordas do Samorim! Aqui tens um punhal... (o marquês recebe o punhal em frenesi de cólera) queres agora o ar livre? Eu vou abrir essas portas; vou-te levar aos salões de Guiomar Coutinho; hei de encher-te esses ouvidos da harmonia dos menestréis que celebram os desposórios da muito amada e inocente esposa de D. Fernando! Hei de mostrar-ta com a face a revelar candura e paz de coração: não lhe verás a lagrima do remorso, nem a sombra de um grande crime, que faz tremer os demónios no inferno.

## **MARQUÊS**

Oh! Meu Deus!

## **EZEQUIEL**

Eia! João de Alencastre! Jura pela cruz da tua religião, que eu jurarei por esse Deus que me inspira uma vingança de traído, que os sinos dos campanários

hãõ de tanger, á mesma hora, uma canção de morte a ferro frio, por Guiomar Coutinho e Maria de Noronha.

## **MARQUÊS**

Ezequiel! Juro!

**EZEQUIEL**, apontando-lhe a cadeira junto da mesa.

Senta-te; (o marquês exercita) Assigna esta Carta (o mesmo) Agora medita uma vingança digna de um Alencastre; se é que vós outros (sorrindo) homens de um apelido estrepitoso e estirado, não sois menos nobres em vinganças, que qualquer plebeu que desde Adão e Eva não teve um apelido! (Vai d porta do cárcere e chama) Carcereiro!

## CENA ÚLTIMA

OS MESMOS E O CARCEREIRO

**CARCEREIRO**

Às ordens.

**EZEQUIEL**, afastando-se com ele do marquês e a meia voz.

O homem vai ser morto.

**CARCEREIRO**

Muito bem.

**EZEQUIEL**

Aqui tens a carta. Voa nas azas do saco de dobras, que ganhaste, por essa cidade; mostra essa carta no cabido e no paço; grita bem alto que o preso fugiu..

## **CARCEREIRO**

As minhas obrigações bem as sei eu...

## **EZEQUIEL**

Pois melhor... Depressa... (O carcereiro sai. Ezequiel demora-se um pouco a observar a saída do carcereiro, depois, com ironia, diz ao marquês) Marquês de Torres Novas! Vamos ao festim de D. Guiomar Coutinho. Não seja só o infante D. Fernando o que possua no dedo um anel da sua carinhosa esposa. Não lhe invejes a sorte. Aqui tens um anel da desposada (mete-lhe no dedo o anel que recebera para senha).

**MARQUÊS**, estupefato.

Este anel!...

## **EZEQUIEL**

Esse anel é uma prenda dada ao teu assassino: com mais um punhado de dobras é o preço da tua vida!

**MARQUÊS**

Inferno! Inspira-me uma vingança de demónio!

**EZEQUIEL**

O inferno ouviu-te: eu sou o seu enviado.

(Corre o pano).

FIM DO 4º ACTO



## ACTO V

Sala de festas em casa de D. Guiomar Coutinho. Celebram-se os desposórios desta com o infante D. Fernando. Este com a esposa distinguem-se pela riqueza dos vestidos. D. Guterres, D. Fernando de Castro e D. Maria de Noronha, entre outras damas e cavaleiros, demonstram mais atividade e contentamento. Já em grupos, já aos pares, dama e cavaleiro, giram pelo salão. A um lado, Guiomar Coutinho com o infante D. Fernando; a outro, D. Maria de Noronha com D. Fernando de Castro estão sentados, e encaram-se com a vivida expressão de um amor feliz. Desviado, vê-se D. Guterres, que os observa de braços cruzados.

## PRIMEIRO QUADRO

### CENA I

#### OS MENCIONADOS NA DESCRIÇÃO DA CENA

**INFANTE**, ao par em frente.

**D. MARIA** de Noronha, é necessário que o vosso dia grande se não demore muito. Muito nova estais, certamente; mas para casar não há idade.

#### **D. MARIA DE NORONHA**

Velha Estou eu já com tanto esperar, Sr. D. Fernando!

#### **D. GUIOMAR**

Então quem é o culpado?

#### **D. FERNANDO DE CASTRO**

Eu por certo não, senhora D. Guiomar!

## **INFANTE**

Isso creio eu: crescemos ambos nas paixões, e nunca nos fizemos mistério dos nossos amores. Amigos sempre, não é assim, Castro?

## **D. FERNANDO DE CASTRO**

Sempre o fomos, e sê-lo hemos sempre, em quanto vossa alteza me não retirar essa honra.

## **INFANTE**

Honra, sou eu que a recebo dos bons amigos. Temos uma só paixão, e, para além do mais, um só nome.

## **D. GUIOMAR**

É verdade, D. Maria de Noronha! Que pena eu tenho de me não chamar Maria!...

## **D. MARIA**

Ou eu Guiomar!...

(Erguem-se e vem sentar-se ao meio do palco)

## **INFANTE**

Ali está D. Guterres a ouvir-nos com bem inveja da nossa situação!...

**D. GUTERRES**, entrando na roda, com dissimulação mal fingida. Comoção em D. Maria de Noronha.

É verdade, Sr. Infante! Inveja, não de vos ver aí enlaçados a tão lindas damas, que bem dignos sois delas, e elas de vós; mas inveja tenho eu daqueles que alcançam mais do que merecem!

**D. FERNANDO** de Castro

E não há aí neste salão vinte corações a disputar a glória de merecer-vos?!

**D. GUTERRES**

Não és tu, Fernando, autoridade de fé para assim perguntar. É a vós, senhora D. Maria de Noronha, que compete dizer se eu terei coração que valha um sorriso de mulher!

**D. MARIA DE NORONHA**, perturbada.

A mim!?

**D. GUTERRES**

A vós por certo, que sois um anjo para ler segredos de alma, que mulheres não sabem ler. Olhai para mim, linda donzela! Vede se esta fisionomia revela coração de anjo ou de demónio!... (Cresce a perturbação de D. Mana de Noronha; os circunstantes olham-na com admiração) Parabéns, (sorrindo) Fernando de Castro! Vede vós, senhor infante, que virgem tão pudibunda a corar de um galanteio tão trivial e inocente! Eu não vos quero assim ter oprimida, casta Suzana! Vede a vossa companheira (apontando para Guiomar) neste dobrar do cabo mais sereno de uma vida tormentosa... Vede aqui a senhora D. Guiomar tão linda e virtuosa como vós, a responder-me, sem corar. Dizei-me, senhora condessa de Marialva! Guterres, o cavaleiro de cem batalhas, e traído por cem mulheres, achará na sua vida uma, que não seja pérfida, uma pérfida que não seja devassa, uma devassa que o não assassine?!

## **D. GUIOMAR**

Essa pergunta, Sr. Cavaleiro!...

## **D. GUTERRES**

Não vos cabe a ela responder, não é assim?

## **D. GUIOMAR**

Nem creio que caiba a outrem, porque muitos corações pulsam fieis por D. Guterres, e será talvez D. Guterres, que os acuse, depois de os contaminar.

## **D. GUTERRES**

Bem! Muito bem... Hoje é o dia das felicitações. Parabéns, Sr. Infante! — tendes uma espirituosa senhora! Ali tendes, D. Maria, uma resposta simples e conceituosa... O trato (sorrindo) da corte, e de vosso, penetrante marido hão de afeiçoar-vos a alma ali pela forma da de D. Guiomar Coutinho.

## **UM PAJEM**

Os menestrelis esperam as ordens da senhora D. Guiomar Coutinho.

**D. MARIA DE NORONHA**, meia voz.

Ainda bem...

**INFANTE**, no centro da comitiva.

Formosas damas, e nobres cavaleiros! Na sala próxima, vamos, eu e a minha esposa, fazer a nossa entrada de esposados, ao estilo dos nossos avós, que do céu sorriem para a nossa felicidade de hoje. Fazei-me a honra de assistir, que assim prestais bom e justo galardão á amizade que vos consagro.

**CAVALEIROS E DAMAS**

À sala próxima!

(Vão saindo, menos D. Guterres que, depois, se senta).

## CENA II

D. GUTERRES e depois EZEQUIEL

### **D. GUTERRES**

Ainda a vi corar de vergonha! É resto de pudor a transluzir na escuridade de uma alma pérfida! (Ergue-se) Remata-se aqui uma paixão de oito anos! Eu... Trocado, primeiro, por um judeu rico... Depois, por um cavaleiro gentil... Vim achar essa mulher quase barregã á minha vista... Ouvindo-me e corando... Corando e traiçoando-me!... Quem não cuspiria na face do traído, se ele não tivesse o recurso da vingança!... Felizmente... Oh! Felizmente... Não será o meu braço o instrumento da punhalada!... Talvez que hoje mesmo Ezequiel

### **EZEQUIEL**

É verdade... Hoje mesmo.

**D. GUTERRES**, sobressaltado.

**EZEQUIEL!** Não estás aqui seguro... Vai... Esconde-te na sala d'armas... Eu serei contigo muito breve...



**EZEQUIEL**, tranquilo.

Espera: na sala próxima folga-se agora a bom folgar. A sala darms é um cepo que espera uma vítima.

Deixa que o algoz respire este ar perfumado das flores de Portugal... Não quero encarar muito tempo o meu túmulo... Deixa a sala darms, escura e triste, para logo... Senta-te, que aqui ninguém nos perturba.

(Ezequiel senta-se. D. Guterres está impaciente).

**D. GUTERRES**

Ezequiel! Vai-te, que eu sinto passos.

**EZEQUIEL**

Também os eu ouço, mas não os sinto. O pé que houver de pisar-me hoje há de ser muito leve, e eu muito carregado no sono.

## CENA III

Os mesmos e D. FERNANDO DE CASTRO

**D. FERNANDO**, reparando em Ezequiel, e para Guterres.

Quem é este cavaleiro?

**EZEQUIEL**

Não é cavaleiro, nem homem, nem ente moral — é uma coisa, uma insignificância que equivale a ninguém. Falai, á vontade, dos vossos amores e cavalarias, que eu vou-me embora. (Ergue-se para sair, e hesita) Não!... Somos três... Prestai-me um momento de atenção... Somos três: cada qual de nós deve, por necessidade, ter uma amante, não vos parece?... Estais mudos!?

**D. GUTERRES**, á parte.

Que irá ele dizer!

**EZEQUIEL**

Eu respondo por vós «Sim, cada um de nós deve, por necessidade, ter uma amante». Como é a vossa, D. Fernando de Castro?

#### **D. FERNANDO DE CASTRO**

Bela e virtuosa como nenhuma.

#### **EZEQUIEL**

E a vossa, D. Guterres?... Sois muito modesto... Não quereis responder; eu respondo por vós: «Bela e virtuosa como nenhuma.» Pois a minha também é bela e virtuosa como nenhuma. Aqui está um mistério como o vosso da trindade: são três belas e virtuosas distintas, e uma só D. Maria de Noronha verdadeira. — Adeus, cavaleiros (solta uma risada, sai e os dois ficam como estupefatos).

## CENA IV

D. GUTERRES e D. FERNANDO DE CASTRO

**D. FERNANDO DE CASTRO**

Quem é este homem?!

**D. GUTERRES**

Não sei. Achei-o ali sentado, como tu o achaste.

**D. FERNANDO**

Que viriam a dizer aquelas palavras cabalísticas?!

**D. GUTERRES**

Também não sei... O caso é que ele sabe da tua vida, e nós não sabemos dele nada!

**D. FERNANDO**

Estou aflito!

**D. GUTERRES**

Por quê?!

**D. FERNANDO**

Hoje que a fuga se prepara... A aparição deste homem...

**D. GUTERRES**

Que tem este homem com a fuga?... Não sejas criança supersticiosa... Vamos ao que importa... Os cavalos estão prontos... A que horas determinas a saída... Não respondes?!

**D. FERNANDO**

Estou confuso... Aquelas tuas maneiras com D. Maria de Noronha... A vontade que ela tem de já fugir...

**D. GUTERRES**

Tanto melhor para ti. Aquelas minhas maneiras foram um saldo de contas, que eu tive com uma mulher, na pessoa de D. Maria de Noronha. Mal sabes tu o que é o homem de coração espedaçado e morto! Se Tala, as suas palavras são terríveis e confusas como seriam as de um espetro. Se olha, o seu olhar tem cintilas de fogo que fazem aquecer as faces virgens como as da tua amante. Se respira, o seu hálito importuna e enjoa como a exalação de um cadáver! Afaz-te a considerar-me um homem real como este homem imaginário...

Depois repousa na inocência de D. Maria de Noronha, na amizade do teu inofensivo Guterres, (abraça-o).

#### **D. FERNANDO**

Ai de mim, se tu fosses um traidor!...

**D. GUTERRES**, aflitivamente a vicia voz.

Meu Deus!

#### **D. FERNANDO**

Guterres! Nunca sejas ingrato á confiança que em ti depositei...

**D. GUTERRES**, alterado.

Fernando de Castro! Hei de sempre chamar-te amigo!...

**D. FERNANDO**

Ao dar da meia noite, O. Maria deve esperar-me na sala das damas.

**D. GUTERRES**

Ao dar da meia noite... Muito bem. A cinquenta passos esperam-vos os cavalos mais amestrados que tenho, nestes lances apertados... Não percas um instante, vamos que a tua ausência deve afligi-la...

(Vão a sair, quando os esposados e as demais damas e cavaleiros entram, ao passo da orquestra, que é executada na sala interior. D. Guiomar senta-se ao lado direito do infante, em lugar distinto, e os demais, damas e cavaleiros, em distinção.)

## CENA V

### Os Mencionados

#### **INFANTE**

Sabei, nobres damas e cavaleiros, que amanhã se celebram meus desposórios na real capela do meu amado irmão. Para aí vos convido a todos, que assim é vontade d'el-rei, e da minha esposa D. Guiomar Coutinho, cuja honra e pundonor algum tempo incerto, se purificou pelos seus sofrimentos e pela declaração do nosso desgraçado irmão d'armas D. João de Alençastre, marquês de Torres-Novas, vo-la apresento, digna do vosso cortejo, e digna irmã de D. João III — (Os cavaleiros erguem-se: curvam a cabeça e sentam-se. O infante agradece-lhes, e D. Guiomar, sem se erguer, acompanha-o no agradecimento).

#### **D. GUTERRES**

Sr. Infante! Fareis justiça ás damas e cavaleiros, que vos ouviram, se os Julgades incapazes de em tempo algum prestarem credito ás calunias do marquês de Torres-Novas. Nunca pudemos crer que, tão gentil e virtuosa senhora como D. Guiomar, ocultasse no rosto inocente o estigma infame que D. João de Alençastre lhe denunciara.



## CAVALEIROS E DAMAS

É verdade!

## INFANTE

Minha esposa agradece o justo conceito que dela fizestes, muito formosas damas e leais cavaleiros. A vós, D. Guterres, que tão bem interpretastes os nobres sentimentos deste luzido cortejo, compete-vos dar a regra para os folguedos desta noite. Bom será que ela nos não fuja entre formalidades e galanteios. Comecem os jogos; cada dama, com o seu mais amado cavaleiro, tome a postura que lhe convém. Confio, D. Guterres, que não ficareis sem dama.

(O infante com D. Guiomar erguem-se e vão ocupar, de pé, um local; — em seguida, dama e cavaleiro, os vão imitando, ao compasso da orquestra que se deve ouvir desde o momento que o infante se levantou. Finalmente, D. Guterres fica. A orquestra parou).

**D. GUTERRES**, cruzando os braços.

Agora vos digo eu, Sr. D. Fernando, que bem azado estou para dar a regra para os jogos. Senhora D. Guiomar Coutinho! Bem vos tinha eu dito que os

vossos salões não tinham dama, que fosse minha!... É pena!... Assim repellido aos vinte e cinco anos!...

#### **D. GUIOMAR**

Será vossa a culpa, cavaleiro!

#### **D. GUTERRES**

Pois se é minha a culpa, bom é que eu a expie... Nesta solidão... Começemos, pois, com este lindo folgar dos amantes... Eu aprenderei de vós outros, felizes cavaleiros, a requestrar uma dama, que me não deixe só na hora dos brinquedos... Tocai, menestrelis!

(A música executa, e é pouco depois suspensa, com a entrada do mordomo Afonseca).

## CENA ÚLTIMA

Os mesmos e AFONSECA

### **AFONSECA**

Não principieis ainda.

### **ALGUNS CAVALEIROS**

Que má notícia trazeis?!

### **AFONSECA**

Não é má, segundo creio. Um embuçado, que não conheci, mas que a meu ver muito experimentado é nos andaimes desta casa, veio ter-se comigo, e assim me disse: «Mordomo! Vai á sala do festim e diz á Sra. D. Guiomar Coutinho, que um cavaleiro, que muito a estima, lhe dá os emboras do seu casamento» — Poderei dizer-lhe o nome que tendes? — perguntei eu — «Não! — respondeu ele — mas dai-lhe este anel, que vale tanto como o meu nome... Dai-lho como prenda de esposada» — Dito isto... Ausentou-se. O anel aqui o tendes, senhora D. Guiomar Coutinho.

(D. Guiomar recebe o anel. Encontra a senha que dera para o assassinato do Marquês de Torres-Novas. Solta um grito de horror; a isto sucede a estupefação dos circunstantes, e cai o pano).

## SEGUNDO QUADRO

Vista da sala de armas; — uma lâmpada pendente derrama um brusco clarão sobre o verniz de algumas armaduras pendentes das paredes — há escabelos grosseiros ao correr da cena, e portas laterais, com suposta comunicação. Observe-se que a luz não deve iluminar a parte mais remota da sala.

**EZEQUIEL**, como o vimos no 1.º quadro, entra, reparando minuciosamente nas armaduras.

Eis-me aqui na sala d'armas do marquês de Marialva! Portugal! (com ironia) terra de valentes homens! Vem-se aqui admirar os troféus desta gente. Isto são armas cristãs, lanças e adagas tintas do sangue do mouro, e do índio... H a glória do cavaleiro do cristo!...

O sacerdote do crucificado, se não tem uma sala de armas... Tem o potro salpicado de sangue do judeu...

Glória a eles todos!... (Deita-se no escabelo mais aproximado dos espetadores. Muito concentrado) Perguntai ao homem, porque traz num riso aos lábios todo o fel do coração!... Quisera aqui recordar-me de toda a minha vida... Eu precisava de chorar... E... Não posso! — (senta-se) Meu pai, e a minha mãe... As minhas delícias da mocidade... No que parou a minha vida!... Que morte eu tive tão desgraçada!... (Levanta-se) Despenharam-me neste abismo...

Corromperam-me o coração... Foi uma guerra cruenta que a sociedade me fez... Roubaram-me a minha família... Socorri-me de joelhos ao amor de uma mulher... Pedi-lhe que me não quebrasse o derradeiro vínculo da existência... E essa mulher desprezou-me! Que sou eu aqui neste mundo sozinho!? (Senta-se, como embebido em profundos pensamentos) Maria de Noronha! (baixo) Maria de Noronha!!!... Devia-te ser cara esta traição! Oh! Empenhaste a tua vida nos teus juramentos... Foi um jogo em que tu perdeste... E depois... Fizeste-me um réprobo... E aguçaste continuamente o punhal que te vai rasgar os encantos do seio, e a perfídia do coração... (Descai numa prostração momentânea).

## CENA 1

D. GUTERRES e EZEQUIEL

**D. GUTERRES**

Ainda aqui Ezequiel.

**EZEQUIEL**

És tu?... Então?!...

**D. GUTERRES**

Nos salões vai uma espantosa desordem! Começavam-se as danças, quando o mordomo de D. Guiomar lhe entregou um anel...

**EZEQUIEL**, com transporte.

Um anel!

**D. GUTERRES**

Sim, um anel... Dado...

**EZEQUIEL**

Dado... Por quem?

**D. GUTERRES**

Isso é. O que se não sabe... O mordomo disse ser um cavaleiro embuçado....

**EZEQUIEL**, meia voz.

Uma indiscrição!... (alto) E agora...transtornaram-se os planos, não é assim?

**D. GUTERRES**

Creio que não... Pelo contrário, esta desordem favorece os planos dos fugitivos... Eles hão de valer-se da confusão para por mais tempo serem desapercebidos...

**EZEQUIEL**



Vamos: a que horas é a fuga?

**D. GUTERRES**

É o que ao certo não posso dizer-te. À meia noite era o plano, mas o maldito anel veio transtornar... Espera... Eu vou para os salões observar o que vai: tu deves estar por aqui; — ao rés daquela parede atravessa um corredor. Mal Fernando de Castro me avisar que sai, eu venho àquele corredor, e dou-te um sinal...

**EZEQUIEL**

Que sinal?

**D. GUTERRES**

Espera... Deixa-me lembrar... Ah! O sinal é este (batendo uma pancada forte no copo da espada) tu respondes-me com o mesmo sinal... Depois cola o ouvido á parede, e escuta o que te eu disser.

**EZEQUIEL**

Maravilhosamente, maravilhosamente!

**D. GUTERRES**, saindo.

Ver-nos-emos amanhã, Ezequiel, na taverna de Pedro Gil.

**EZEQUIEL**, profundamente triste.

.Espera... Não sei se me verás... O sol de amanhã não nasce para mim. Atende-me. Eu tenho uma família errante sobre a terra. Tu conhecestes meu pai, e a minha mãe, e os meus irmãos. De vários portos da Europa tenho havido notícias deles: hoje não sei se estão na Itália, mas caminho de lá parece que era o deles na data da última carta. Esta gente, espera abraçar-me um dia, depois de uma vingança espantosa. A hora da vingança chegou, mas a do abraço nunca chegará...

**D. GUTERRES!**

Eu devo morrer hoje...

**D. GUTERRES**

Que dizes, Ezequiel!?

## **EZEQUIEL**

Por Deus, não me interrompas! Eu devo morrer hoje, e quero as lágrimas do meu pai e a minha mãe, porque não tenho outras. Quero um favor teu á hora da morte... Diz a essa família infeliz... Manda dizer a essas vítimas desterradas, que Ezequiel não vive já... Diz-lhe que o seu primeiro e derradeiro crime foi um assassinio... Diz-lhe que o sangue da criminosa me borrifou a cara, mas que os meus lábios ficaram puros, pronunciando, no estertor da morte, o nome dos meus pais... Guterres! Eu tenho muito ouro!... Debaixo dessas palhas, onde três anos esperei a hora da vingança, acharás muito ouro... Distribuí-o por esses meus desgraçados irmãos na crença, que gemem escravos em Portugal!... Desce, em nome da tua religião e da minha, a essas sentinas onde se revolve a raça maldita dos homens! Dá ao desgraçado, que morrer á míngua de pão, o óbolo, não roubado, mas adquirido pelo suor dos meus avós!... Guterres! (com voz tardia e quebrada) Deus permita que esta suplica do judeu não seja em vão!...

## **D. GUTERRES**

Não o será... Eu to juro, homem incompreensível!

## **EZEQUIEL**

Incompreensível! Tens razão... É verdade!... Eu não me compreendo!... Vai-te... Adeus, D. Guterres (muito comovido).

(D. Guterres sai).

## CENA III

EZEQUIEL e depois o MARQUÊS DE TORRES-NOVAS

### **EZEQUIEL**

Cuidava eu que o dia da vingança seria o do prazer para esta alma sequiosa de sangue!... Enganei-me! Tenho tanto horror á vida como ao crime!... Saudades do mundo não as levo, mas fica-me cá uma vida, que eu devera viver feliz!... Este braço... Sinto fraqueá-lo!... Nem logo poderei com um punhal!...

(Sentindo passos, embuça-se e procura o escuro da sala).

**MARQUÊS**, também embuçado, e espreitando com desconfiança.

Aqui... Estarei seguro... Foi a Providencia...

**EZEQUIEL**, sem se mover.

Não agradeças á Providencia o auxílio do crime, cavaleiro cristão!

**MARQUÊS**, sobressaltado.

És tu, Ezequiel?

**EZEQUIEL**, aproximando-se.

Sou eu, D. João de Alencastre... Deixa-me ver o anel que te dei.

**MARQUÊS**

Deve possuí-lo quem to deu.

**EZEQUIEL**

Foi uma imprudência.

**MARQUÊS**

É verdade, e que me está sendo bem custosa.

**EZEQUIEL**

Que tem havido?

## **MARQUÊS**

Tem sido procurado o perturbador dos folguedos. Valeu-me a proteção do mordomo; cheguei a medir a preza de bem perto, mas Guiomar está rodeada de cavaleiros... Não pude tocar-lhe. Esperei-a na sua camara, ouvi passos, alguém entrou, era D. Fernando de Castro e D. Maria de Noronha. Senti-os beijarem freneticamente. .

## **EZEQUIEL**

Inferno!

## **MARQUÊS**

E, depois, emprazaram a fugida...

**EZEQUIEL**, rapidamente.

Emprazaram... Quantos minutos?!

## **MARQUÊS**

Não sei. Saíram, e eu saí... Guiou-me para aqui o mordomo.. Eu tenho a cabeça perdida, Ezequiel!... Andei perdido nesses corredores, que, mais de um ano, corri sem luz... Não sei agora o que faça... Hoje é a última noite... Manhã estão casados... Aconselha-me, Ezequiel!... Eu vou abrir um caminho com o punhal até poder toca-la...

## **EZEQUIEL**

Espera!... O teu juramento foi vão e inútil. Vingança... Hoje... Tenho-a eu só. Tens liberdade, marquês; espera melhor ensejo. É impossível!... Hoje... É impossível... (Vê-se grande clarão) Olha... Eles aproximam-se... Procuram-te... Fugamos... Depressa.



## CENA V

Alguns cavaleiros e pajens com brandões acesos entram na sala: observam os cantos, e alternativamente dizem uns aos outros:

— Era algum fantasma!

— Aqui nada vejo.

— Nem eu.

— Por aqui também não.

— Vamos embora.

— Fernando de Castro? Que é dele?

— Sumiu-se.

— E Guterres?

— Não veio.

— Ora venham cá.

(Os cavaleiros acercam-se deste que os chama à boca da cena, e os pajens arredam-se para o fundo da sala).

— Que pensais vós daquele anel?

— Eu não sei. (Iodos, encolhendo os ombros).

— Andará ali obra do marquês de Torres Novas?

— Não... O marquês fugiu do cárcere, mas deixou uma carta que justifica a inocência de D. Guiomar. Bem a ouvistes ler, como eu.

— Lá isso é verdade!

— Então que Satanás trouxe ali aquele anel! — Isso agora...

— O tempo responderá... Vamos espreitar, e aquele primeiro que descobrir a intriga não fique com o segredo.

## **TODOS**

Boa palavra! Vamos espreitar.

(Saem).

## CENA V

AFONSECA, com uma lanterna, e depois o MARQUÊS DE TORRES  
NOVAS

### **AFONSECA**

O desgraçado devia fugir para aqui. Permita Deus que o não encontrem... Que cadeia de infelicidades... Que futuro tão negro começa esta noite para tantos criminosos e inocentes... Se Deus me levasse deste mundo!... Onde acharei eu o infeliz?!... Quem sabe... Talvez na albergaria!. Talvez.

(Vai a sair e encontra-se com o marquês).

Ah!... Sois vós... Sr. D. João?!...

### **MARQUÊS**

Procuravas-me com ansiedade, amigo fiel?... (abraçando-o) És o meu segundo pai... Devo-te muito amor, e ma! To pago com este abraço filial...

### **AFONSECA**

Senhor! Dais-me uma prova desse grande amor?... Pagais-me essa dívida de muita amizade fiel e paternal?... Ide-vos... Eu vo-lo peço, senhor!... Não angustieis mais este viver terrível que aqui vai nesta casa...

**MARQUÊS**, irónico.

Entendes, amigo, que devo cruzar os braços, e ser a testemunha impassível do casamento da adúltera com o infante? (silêncio de momentos) Fala, Afonseca! O marido de Guiomar Coutinho, o desterrado por ela, o inocente arrojado a um cárcere pela sua mulher, o condenado a um degredo perpétuo, o homem cuja vida foi pesada pelo ouro da sua mulher... Eu que ainda sinto ferver-me o sangue, porque não estou morto, e porque não estou cadáver lançado ao Tejo por ordem de D. Guiomar Coutinho,.. Queres tu, mordomo, que eu não perturbe o folgar inocente dos cavaleiros... A paz domestica... O lindo futuro dos desposados?...

**AFONSECA**

Perdoai-lhe, senhor D. João!

**MARQUÊS**, irascível.

Falaste de perdão, homem í? Deixa-me, que já não posso ouvir-te... Perdão!  
Perdão para Guiomar Coutinho!? Vai-te, que me acordaste no coração o tigre  
da ferocidade!

**AFONSECA**, com muito sentimento.

Deus vos perdoe... Senhor marquês!...

**MARQUÊS**, serenamente.

Homem! Eu respeito os teus anos, e devo te muito! Quero ouvir-te...  
Conheces-me desde menino; viste-me florir o coração aos primeiros afetos;  
animaste-me a um casamento clandestino com essa mulher que vai amanhã  
casar-se; viste-me arrojado por ela ao desterro... Seguiu-se a infâmia da  
desonra... Guiomar Coutinho atirava-se aos braços de um amante, quando eu,  
por noites tormentosas de saudade, chorava o meu degredo, como choram os  
que sofrem inocentemente... Viste-me tornar fugitivo á minha querida pátria...  
Queria morrer nela... Morrer, onde Guiomar me chorasse... Vim encontra-la  
adultera... Nenhum homem matara uma mulher com tanta justiça... Ergui o  
punhal... O golpe era mortal... Encontrei-te entre o punhal e a vítima... A  
pérfida mostrou-se contrita... As tuas lagrimas salvaram-na... Eu tinha-lhe

perdoado, porque a infame me bradou «eu ainda sou tua!» Fui preso por ordem dela, fui lançado num cárcere, fui condenado num tribunal..

## **AFONSECA**

Oh senhor!

## **MARQUÊS**

Espera!... Guiomar prodigalizou ouro a um assassino... Antes da minha morte a ferro frio, este punho devia assignar a justificação dessa mulher horrorosa. Salvei-me!... Estou aqui no palácio dela... Na véspera do seu casamento, nas suas bodas... Afonseca! Que queres tu que eu faça a esta mulher?!

## **AFONSECA**

Senhor D. João!... Jesus cristo perdoou aos seus matadores!...

## **MARQUÊS**, severo.

Deixa-me!... Estás bem pago dos teus favores... Fazes-me amargar com palavras brandas todo o fel da minha existencial... Não venha o nome do

cristo manchar-se nas torpezas do mais vergonhoso crime!... Afonseca! Eu dei a alma ao demónio da vingança!...

**AFONSECA**

Santo nome de Deus!...

**MARQUÊS**

Vejo um vulto... Sai... Não quero que vejas este homem...

**AFONSECA**

Deus tenha compaixão de todos nós!...

(Sai).

## CENA VI

EZEQUIEL e o MARQUÊS;

**EZEQUIEL**

É necessário trocarmos as posições, amigo marquês. A sala d'armas é minha; aqui está a minha vingança; o meu leito de morte é este chão; e o tálamo da fementida é aqui na sala d'armas da tua mulher. Eu quis que nos vingássemos ao mesmo tempo... Eram quatro almas que se atiravam juntas ao inferno!... Não pode ser... Hoje não te vingas... Amanhã quem sabe se o algoz te baterá á porta de um cárcere...

**MARQUÊS**, com serenidade.

**EZEQUIEL!**

Eu te juro que não baterá!

**EZEQUIEL**



O pior é que Ezequiel não poderá salvar-te!... Franqueou-te o braço, João de Alencastre! Imprudente, entraste no salão dos festins... Era impossível que a preza te não fugisse... Se eu visse Maria de Noronha, como tu viste Guiomar Coutinho!... Se entre mim e ela eu não tivesse mais que derrubar alguns cortesãos frouxos e afeminados!

### **MARQUÊS**

Mas a adúltera ainda aí está nesses salões... A noite tem ainda algumas horas...  
E eu só preciso um momento... Adeus, Ezequiel!...

### **EZEQUIEL**

Espera, João de Alencastre... (com muito sentimento) Nós não nos tornamos a ver...

### **MARQUÊS**

Que dizes, Ezequiel?!

**EZEQUIEL**, concentrado.

Fui nobre em muitos sentimentos; mas a paixão do amor dominou-me. Amante como ninguém... Amigo como ninguém... Tu sim, marquês... Bem sabes como eu fui amante e amigo!... Ainda bem, que veio comigo ao túmulo a consciência pura de ter feito grandes honras á amizade... João de Alencastre!... Eu salvei-te da morte... E que morte tão triste!... Quando eu te salvava, não encontrei braço de homem que me salvasse a mim!... Fui infeliz como homem nenhum o foi! Quem podia salvar-me era ela... Não lhe morderam os remorsos na consciência... Riu-se da impunidade... E não teve para mim compaixão nem odio... Era a serenidade da indiferença... Mais amarga que o fel do desprezo!... Não quero recordar-me!... Lá vai perdido tudo!... Daqui ao sepulcro as minhas forças de vida resumem se todas na mão que deve apertar um punhal!... Mas antes disso... Antes que estes braços sejam manchados de sangue impuro... Dá-me um abraço, homem desgraçado!... Dá-me um abraço... {abraçam-se) sente as últimas pulsações do teu amigo... E chora-me, depois... Que eu tenho direito a uma lagrima tua.

## **MARQUÊS**

Tu intentas o suicídio!... Oh! Não sejas fraco, Ezequiell!...

**EZEQUIEL**, sorrindo.

Fraco! — fraqueza de quem olha orgulhosamente para as vilezas da terra!...  
Fraco!... Chamas-me fraco, D. João?!... Eu, que poderá afogar o remorso no  
mar imenso dos deleites que o meu ouro me daria!... Eu, que venho de fazer o  
papel de mendigo na sociedade para chegar ao supremo orgulho do que se  
vinga!... Eu não sou fraco... Diz-me a razão que o não sou! Tenho crenças na  
eternidade... Se o suicida tem de ser atormentado no inferno... Eu aceito as  
dores do inferno, e rejeito as deste mundo á custa de uma existência infame...  
Sou corajoso, marquês!... Corajoso como o que acha mesquinho o sofrimento  
da terra para expiar um crime...

## **MARQUÊS**

Pela nossa amizade, ouve-me, Ezequiel!...

## **EZEQUIEL**

São tardias as tuas reflexões... Deixa-me... Preciso de ficar só... Adeus!

(abraçando o estreitamente) Adeus! Adeus!

## **MARQUÊS**

Oh meu amigo!... Eu te seguirei na morte!... Desgraçados!... Desgraçados de nós!...

**EZEQUIEL**, desenlaçando-se dele..

Mais brio, D. João! Nada de lágrimas para homens que querem sangue...

**MARQUÊS**

Oh! Sim! Sangue! Sangue!...

(Sai arrebatado),

## CENA VI

**EZEQUIEL** sô muito recolhido em si.

Calai-vos, doces recordações do que eu já fui!.. Cala-te, remorso, que o meu tormento tem sido incomportável!... Deus de Jacob!... Eu sou um réprobo!... Eu não pude com a minha dor... Sustive-me em quanto pude á borda do despenhadeiro, a religião não me valeu!... O crime está-me escrito na cara... E eu quero morrer amaldiçoado!

(Ouve-se rumor de gritos no interior... Vozes destacadas Está salva! — Prendam esse homem! Por aqui!... Vejam bem! — Aqui vai — Vai-se aproximando o clarão das luzes. Ezequiel retira-se. Cavaleiros e pajens atravessam com archotes, bradando — Veio para aqui — À albergaria! — ultimamente todos — k albergaria! O salão volve ao silencio e ás trevas. O marquês de Torres-Novas segue-os, sobressaltado.

## CENA VII

MARQUÊS, e uma voz oculta.

**MARQUÊS**, em desesperação.

Maldição! Parece que um demónio me destrói a minha vingança!... Um palmo... Um palmo só, e ela seria um cadáver agora!... Ezequiel! (chamando a meia voz) Ezequiel! Oh! Esta situação é terrível... Serei eu preso... Preso eu!... Que vou consumindo inutilmente os escassos momentos de liberdade!...

(No corredor, justamente o indicado por Guterres para o sinal, dá-se uma pancada bem soante nos copos de uma adaga. O marquês sobressaia-se, e como por instinto de defesa, lança mão á sua adaga, que, na pancada, produz um som igual ao do corredor).

Estou preso!... Ânimo!...

(Segue-se outra pancada no corredor: o marquês desembainha a adaga.

### **VOZ, NO CORREDOR**

Escuta, e prepara-te. Eles aproveitaram-se da desordem que vai no salão, e vão fugir. D. Fernando diz-me agora mesmo que mande aproximar os

cavalos... Espera... Sinto passos no corredor... Distingo um vulto de branco...

É ela... Prepara-te!...

**MARQUÊS**, consigo

Que palavras foram aquelas?!... Que D. Fernando vai fugir... Que ela vem para aqui!... Eu tenho perdida a cabeça!...

## CENA VIII

### O MARQUÊS e D. MARIA DE NORONHA

**MARQUÊS**, reparando.

É verdade!... Eu vejo um vulto... Não distingo bem... Parece-me ela... (afasta-se para o mais escuro).

**D. MARIA**, voz trémula e sumida.

Fernando! Fernando!... Já aqui estás?...

**MARQUÊS**, meia voz.

É Guiomar!...

**D. MARIA**

Que medo, meu Deus!... Fernando!... O meu querido Fernando!...

(O marquês, rápido e arrebatado, corre a D. Maria, que palpa as paredes do salão; e quando ela outra vez repete a invocação — Fernando! Trava-lhe do



braço, ela solta um grito de terror, é dobrada para o chão, e recebe uma punhalada.

**MARQUÊS** curva-se sobre a moribunda, e com terrível expressão lhe brada:

— Guiomar Coutinho! O espectro do salão era o marquês de Torres-Novas.

As ondas do Tejo restituíram-te o marido e o algoz!

(Sai apressadamente).

**D. MARIA**, após alguns momentos de silêncio.

Virgem... A nossa Senhora!... Perdoai-me!... Eu morro! Fernando!

## CENA IX

EZEQUIEL, e depois todas as damas e cavaleiros que vimos no primeiro quadro, menos D. FERNANDO DE CASTRO.

**EZEQUIEL**, que não vê o cadáver.

Aquele homem perdeu tudo!... Nem eu nem ele!... O terror espalhou-se nos salões... Dou um adeus à minha vingança de hoje... (tropeça no cadáver)  
Quem está aqui?!... É uma mulher! (apalpa) sangue!... Está morta!... Que é isto, meu Deus!... As feições são as dela... Uma luz, uma luz!...

(Daí nas e cavaleiros, entre estes D. Guiomar Coutinho e o infante D. Fernando. Os pajens trazem archotes, e acham Ezequiel, curvado sobre o cadáver).

### **UM PAJEM**

Ei-lo, ei-lo aqui, Sr. Infante!... Um cadáver! Uma mulher morta... É a senhora D. Maria de Noronha.

Grito geral de terror. As damas vão ajoelhar junto do cadáver, que tentam levantar.

**EZEQUIEL**, ergue-se e fala com a placidez furiosa de um demente.

Quem foi o assassino de D. Maria de Noronha?

**VOZES**

Tu, tu, infame!

**EZEQUIEL**

Quem foi o assassino de D. Maria de Noronha?

**INFANTE**

Quem és tu?

**EZEQUIEL**

Ezequiel — o judeu!

**VOZES**

Judeu!

## **EZEQUIEL**

Mas não sou o assassino!

## **VOZES**

Morra, morra o assassino!

(Ezequiel rasga o albornoz e expõe o peito.)

**INFANTE**, para os cavaleiros que ameaçam Ezequiel.

Suspendei-vos!... (para Ezequiel) Tu mataste esta dama, coração de tigre?

**EZEQUIEL**, serenamente.

Devia mata-la; mas não a matei.

**INFANTE**

Cavaleiros! Prendei este homem. A sua real senhoria fará tremenda justiça.

(Os cavaleiros acercam-se dele, que velozmente bebe veneno de um vidro que tira do seio.)

**EZEQUIEL**, para os cavaleiros.

Afastai-vos! — deixai cair desamparado neste chão o meu cadáver! Está aí morta a mulher que me matou... Dai-lhe embora a ela um túmulo de mármore... Queimai o meu corpo, e atirai as cinzas ao Tejo!... D. Guterres!

**D. GUTERRES**, á parte.

Oh meu Deus!

**EZEQUIEL**

D. Guterres!... Onde estás? Não tremas do judeu... (vai-lhe a voz desfalecendo; as agonias, pouco depois, vem cortar-lhe as palavras.) Aqui tens o cadáver da mulher que amaste!... Fernando de Castro! Desgraçado... Eram três os traídos... Mataram-na!... Senhora D, Guiomar Coutinho! Este veneno abraça-me as entranhas... Não façais beber a alguém aquele que me pediste...

Não temais, senhora!... Eu tenho compaixão de vós... Não serei o vosso juiz á hora da morte... (cai de joelhos diante do cadáver) Guterres! Guterres!... Dá-me os teus braços!... Deixa-me repetiu-te uma suplica... Olha aquele ouro... Socorre os desgraçados. Olha a minha família... Adeus... O meu pai... O meu pai...

**D. GUTERRES**, meia voz.

Que martírio!...

**EZEQUIEL**, nos últimos paroxismos.

Eu... Dera-lhe a vida... Se pudesse... Está morta... Não posso... O demónio da vingança... Eu morro... O meu Deus!...

Ezequiel expira nos braços de Guterres. Ouve-se um dobre a finados.

FIM DO 5º E ÚLTIMO ACTO

## EPÍLOGO

### CINCO ANOS DEPOIS

Vista de rua. Ao fundo, abre-se a portaria do palácio de D. Guiomar Coutinho. Luz frouxa de lampião alumia bruscamente o pátio espaçoso para o interior do edifício. Há uma longa escadaria que tem de ver-se depois.

É noite. Dobram os sinos a finados. Alguns cavaleiros vestidos de dó, e frades de S. Francisco entram mudos e tristes no portal do edifício. Os derradeiros cavaleiros, que são dous, e que designaremos, por 1.º e 2.º, sombrios de tristeza e terror entram na:

## CENA 1

### DOIS CAVALEIROS

1.º

Bem diz o povo que a maldição de Deus caiu sobre esta família!

2.º

Anda aqui grande pecado!... A ira de Deus é justa e imensa!...

1.º

Em menos de três meses quatro tumbas!!

2.º

E não tardará a quinta, que D. Guiomar não vai longe!...

1.º



Tu não viste o que foi de horrível há anos naquela noite do casamento do infante?!

2.º

É verdade... A morte de D. Maria de Noronha... O suicídio do judeu que a matou... Aquele anel que ninguém sabe o que foi...

1.º

Pois aí tens... Eu nunca pude acabar comigo uma suspeita diabólica... D. Guiomar Coutinho era casada!...

2.º

Isso é falso... Não viste aquela carta, escrita pelo marquês de Torres-Novas, quando se fugiu do cárcere?!...

1.º

Vi, vi, e que tem lá isso? A vingança de Deus é um segredo para nós... Assim mo disse o nosso antigo companheiro darmas, Fr. Guterres, tão sabedor hoje de livros, como então o era do jogo das armas...

2.º

É verdade.. D. Guterres!... Que cavaleiro ele foi tão apaixonado de damas e batalhas!... No que aquela vida deu!...

1.º

Foi também nessa noite fatal!... Desde aquelas mortes ninguém mais o viu... Os cabelos fizeram-se-lhe brancos; está um velho, que mete dó ouvi-lo chorar... E ninguém sabe porque chora!... Visita os servos judeus pelos hospitais e pelas albergarias; dá-lhes com mão larga dinheiro, que por aí se diz que vem de Deus! Do seu... Certo é que não, que o não tinha... Em fim... Mistérios do céu... Vamos cumprir os últimos ofícios de amigos...

2.º

Que muito o fomos desse homem que, viçoso de anos e venturas, deu na terra do sepulcro com uma vida, que tantas saudades aqui deixou!...



## CENA II

FR. GUTERRES, da ordem franciscana, outrora o cavaleiro D. GUTERRES, sai da portaria, macerado, e com cabelos brancos.

**D. GUTERRES**, só.

Cinco anos depois encarei de face a face as testemunhas do meu crime! Vi um ataúde, e o crepe negro, e o brandão dos finados, na mesma sala onde espiei a mulher que devia morrer. Ouvi gemidos... Recordei todo o horror do meu crime... Pedi coragem á minha alma para não gritar diante da corte... «Eu sou um traidor! Eu sou um assassino!» As minhas mãos não estão salpicadas do sangue da assassinada.. Mas foi com estas mãos que eu a expus aos golpes de punhal... Eu fiz um matador... Instiguei a cólera de Ezequiel para assassinar Maria de Noronha!... Eu fiz um suicida... Vi os dois cadáveres aos meus pés... Sorri um dia no calor da vingança... Depois... Cinco anos horrorosos, debaixo desta túnica... E não tenho ânimo de pedir perdão a Deus! O juramento que dei de distribuir pelos judeus escravos o dinheiro daquele desgraçado... É a recordação incessante do meu crime... É um poste onde me amarrei voluntariamente para ser castigado pelas disciplinas de ferro do remorso!.. Ouve-se o murmurar longínquo do «de profundis» entoado lá muito no interior do edifício) Eu não posso ir ali misturar a minha voz nas preces de alguns justos!... Tremo que os tormentos da alma me subam á face... Eu sei

que morro amaldiçoado de Deus... Mas diante dos homens hei de esconder os meus crimes...

## CENA III

### O MARQUÊS DE TORRES-NOVAS E FR. GUTERRES

O Marquês de Torres-Novas com as barbas tongas e quase brancas a cobrirem-lhe a maior parte das faces magras, e lívidas. O seu olhar é sombrio e torvo. Demente, deixa-se cair na abstração de fundas cogitações. Traja um velho gibão e chapéu aragonês: está completamente desarmado.

**MARQUÊS**, sem atentar no frade.

Foi á luz baça de uma lâmpada... Era um clarão sinistro!... E o mais.. Era a negrura das azas da morte, que esvoaçava naquele salão!...

**FREI GUTERRES**

Que diz este homem!?

**MARQUÊS**, reparando.

Frade! Tu amaldiçoaste o filho do crime! Negaste-lhe a tua bênção, e o homem de remorsos arrasta-se por aí, a escorrer sangue, a rasgar-se nas carnes... Frade» perdoa-lhe I...

### **FREI GUTERRES**

Que dizeis, irmão?! Onde está o criminoso que invoca o perdão de Jesus cristo?

### **MARQUÊS**

Foi á luz baça de uma lâmpada!... A inocente morreu... O punhal tem sangue imaculado... Este sangue brada justiça ao céu... Frade! Houve um assassinio tremendo!...

**FREI GUTERRES**, meia voz.

Jesus! Eu tremo de ouvi-lo!...

### **MARQUÊS**

Foi á luz baça de uma lâmpada!... O matador vergou aquela mulher para o chão... Rasgou-lhe o seio... Matou-a... Ela deu um grito estridoroso... Escuta!... Não ouves esse grito? É a inocente a morrer.

### **FREI GUTERRES**

Eu estou sendo atormentado!... Este homem é o enviado de Deus... Perdoai-me, Senhor!...

### **MARQUÊS**

Não ouviste o dobre a finados?... Quem foi a desoras dar o anúncio da morte á torre do templo?... Fui eu... Frade.. Fui eu que toquei aquele hino maldito!... E ela ainda vivia... Ela... Guiomar... A adúltera!...

### **FREI GUTERRES**

Que ouvi!... Guiomar dizeis vós... Conheceis D. Guiomar?

**MARQUÊS**, soltando um riso louco e descomposto, c, depois, absorvendo-se no terror de um grande crime.



Essa mulher é casada duas vezes! Quem morreu... Não foi ela... Eu matei uma virgem a ferro frio!...

**FREI GUTERRES**

Que mistério, meu Deus!...

**MARQUÊS**

Viu-se depois um espectro de vestes brancas por um salão de armas, negro e pavoroso... Era Maria de Noronha...

**FREI GUTERRES**

Ah! (leva as mãos aos cabelos hirtos.)

**MARQUÊS**

Tu choras pela inocente?! Coitadinha!... Fui eu que a matei!...

**FREI GUTERRES**

Homem!... Quem és tu?...

## **MARQUÊS**

Foi... Há muitos anos... Á luz baça de uma lâmpada!... Matei uma inocente!..

(Ajoelha) perdão, homem de Deus!... Matei a esposa de um cavaleiro... A adúltera está viva!...

## **FREI GUTERRES**

Calai-vos!... Calai-vos!...

(O marquês conserva-se de joelhos com a face entre as mãos.)

## CENA IV

Os mesmos e AFONSECA

### **AFONSECA**

Encontrei-o!... Graças, meu Deus! (vai abraçar o marquês) Senhor! Vinde comigo pelo amor de Deus (reparando no frade) Dai-me a vossa bênção, servo do nosso Senhor!...

### **FREI GUTERRES**

Deus vos abençoe, honrado ancião!... Olhai, vinde aqui ouvir-me duas palavras — (chama o separando-o do marquês) Quem é este homem? (Afonseca fita os olhos no chão e cruza os braços sobre o peito)

### **MARQUÊS**

Foi á luz baça de uma lâmpada... «Este chão será o tálamo de Maria de Noronha... Aqui está o meu sepulcro!...» Disse-o Ezequiel... E Maria de Noronha... Matei-a...

## **FREI GUTERRES**

Irmão! Em nome de Jesus cristo, digei-me quem é este homem?!...

## **AFONSECA**

Ninguém, senhor!... — é um doido!... Coitadinho!... É um doido!...

## **MARQUÊS**

Frade! Tu já não pudeste abençoa-la!... Morreu a ferro frio... Não lhe cerraste a maldição nos lábios... Ela amaldiçoou-me em nome do Eterno... E eu ando aqui arrastado, como a serpente esmagada na cabeça!...

## **FREI GUTERRES**

Oh meu Deus!... Afonseca... Este homem quem é?... Por piedade, por misericórdia digei-me o seu nome... Que eu morro de ansiedade!...

## **AFONSECA**

Não posso, senhor!... Não posso, Fr. Guterres!.

**MARQUÊS**, rindo-se descomposto

Abri as portas do templo, sacerdotes de cristo! Abri as portas do templo, perfumai os altares, forrai esse chão de telas, entoai vossos hinos, menestréis de D. João III! Repicai nesses campanários um dobrar festival! — Arautos! Reis darmas! Passavantes! Afastai o povo, que aí vão D. Guiomar Coutinho e o infante D. Fernando a esposarem-se na presença de Deus! (Descabe do transporte na frieza do rancor íntimo) Frade! Tu santificaste um crime horroroso... Tu abençoaste o casamento dessa adúltera... E a adúltera era minha mulher!»..

**AFONSECA**

Oh meu Deus!

**FREI GUTERRES**

Jesus! Que é ele!... (correndo para abraçado) D. João de Alencastrel...

**AFONSECA**, impedindo-o

Não aumenteis a sua penosa situação... Vereis as lagrimas correrem-lhe nas faces descarnadas!... Deixai-o por piedade, que tereis de chorar muito com

ele.. Está doudo, Fr. Guterres, está doido o infeliz João de Alencastre!...  
Deixai-mo levar daqui... Preciso afasta-lo do saimento!... Oh! Deus nos livre  
que ela o conhecesse!...

### **FREI GUTERRES**

Não posso!... Deixa-me ouvi-lo um momento só!... Este homem vive, meu  
Deus!... Vive D. João de Alencastre, reduzido a tamanha miséria!...

### **MARQUÊS**

A adúltera tripudiou sobre o cadáver da inocente!... Maria de Noronha foi  
amar os anjos celestes... Eles esposaram-na, e os demónios do inferno  
travaram da minha alma, despedaçaram-me o corpo, escreveram-me o meu  
crime na face!... Foi á luz baça de uma lâmpada!... Oh meu Deus! Meu Deus!...

(Ouve-se o dobre a finados; o marquês cai sobre os joelhos, esconde a face, e  
permanece nessa postura.)

### **AFONSECA**

Fr. Guterres! — eu quero que este homem viva; pode ainda recuperar o juízo; não o assalteis com recordações, que o matam! Eu vos digo, em pouco tempo, a última desgraça do marquês de Torres Novas. Ele era casado, á face de Deus, com D. Guiomar Coutinho... Ela degradou-o, desonrou-o, ofereceu ouro a quem o matasse, e julgou-o bem morto, e o seu cadáver no fundo do Tejo! D. João de Alencastre vivia para a vingança do desesperado! Tentou mata-la no último festim das suas bodas. Estava no salão damas de D. Guiomar...

**FREI GUTERRES**, aflitivamente

Desgraça...

**AFONSECA**

Tinha para lá fugido á perseguição dos cavaleiros e pajens. Eis que D. Maria de Noronha, não sei porque fatalidade, entra nesse salão, quase escuro, ermo, nunca visitado por damas em noites de folguedos. «Fernando!» bradava ela; este era Fernando de Castro, o seu amante; mas o alucinado marquês pensou que era ela D. Guiomar Coutinho, que vinha ali ter alguma comunicação escusa com o infante... Aproximou-se dela... Não a ouviu... Cravou-lhe o

punhal... Matou-a... E fugiu... (Fr. Guterres, corno exausto de vigor, recosta-se ao ombro de Afonseca) Que tendes, Frei Guterres?

### **FREI GUTERRES**

Continua... Diz... E depois... Não havia aí um judeu, chamado Ezequiel?...

### **AFONSECA**

Esse judeu foi encontrado junto do cadáver de D. Maria de Noronha, e envenenou-se, perguntando a altos brados quem fora o assassino de D. Maria de Noronha...

### **FREI GUTERRES, ajoelhando**

Perdoai-me, meu Deus!... Perdoai-me, meu Deus!

### **MARQUÊS**

Foi á luz baça de uma lâmpada! A inocente morreu e o assassino vive!... (Frei Guterres levanta-se horrorizado) Frade! Haverá perdão na terra para o matador de Maria de Noronha?



## **FREI GUTERRES**

Oh! Não! Não! Nós não podemos implorar perdão!... Eu sou o assassino!...

## **AFONSECA**

Que mistério!... Que enredo de crimes!... Que será isto, Deus do céu!...

Dobram os sinos. No cimo da escadaria veem-se frades de S. Francisco, com tochas acesas, murmurando os salmos costumados: vem descendo, e já desfilam pela

Rua sem que ainda o esquife tenha aparecido. O marquês ajoelha maquinalmente. Fr. Guterres cruza os braços, cobre-se com o capuz, e busca esconder-se ao saimento. Afonseca, afastando-se para junto do marquês, exprime a sua agonia, escondendo a face entre as mãos; depois tenta erguer o marquês, que olha espantado para as luzes.

## **AFONSECA**

Sr. D. João de Alencastre! Vinde, vinde, pelas cinco chagas de cristo!

## **MARQUÊS**

Aí vai morta da punhalada do assassino a inocente! (Ergue-se furiosamente)  
Maria de Noronha! Abre-me essa tumba, e leva-me ao banquete dos vermes,  
nos teus braços hirtos!... Frade! (os responsos continuam) É o cântico dos  
querubins que aí vai no saimento da virgem que eu matei!...

## **FREI GUTERRES**

Perdão! Perdão! Deus de misericórdia!

Assoma no patim da escadaria a tumba. É trazida ao colo de homens e  
coberta de longos panos de negro. Seguem-se mais alguns frades, como os  
primeiros, de tochas e capuzes enfiados. Quando a tumba atravessa o palco, o  
marquês, na postura de quem quer suspender o préstito, lança-se-lhe ao  
encontro; Afonseca suspende-o, e desvia-o de empecer o saimento, que vai  
marchando compassado. — há um toque de campainha, e logo depois:

## **UMA VOZ**

Rezai por alma da sua alteza, o senhor infante D. Fernando!

## **MARQUÊS**

Ah!

(É um grito estridoroso, seguido de uma convulsão horrível, Afonseca segura-o, e forceja em vão por desvia-lo da cena. Segue-se o mesmo toque de campainha, e a mesma voz, já fora. Do palco).

### **AFONSECA**

Meu Deus! Inspirai o coração do vosso servo! Lançai os olhos de pai sobre este quadro de desolação!

### **MARQUÊS**, muito concentrado

Rezai por alma da sua alteza o senhor infante D. Fernando!... Afonseca!  
Afonseca!

Desce D. Guiomar Coutinho. Traja uma túnica branca de longa cauda. Cobrelhe o cabelo longo capuz de vaso. Em torno, cavaleiros, damas e donzelas, vestidos de burel branco, e as cabeças cobertas de vaso. D. Guiomar Coutinho, vem nos braços de duas damas.

## CENA V

AS PESSOAS DESCRITAS NA ÚLTIMA NOTA

FREI. GUTERRES, AFONSECA e o MARQUÊS

### **FREI GUTERRES**

Jesus! Que desgraçado encontro!

### **AFONSECA**

Praza a Deus que ele a não veja!

**D. GUIOMAR**, para as damas com voz débil e de soluços

Deixai-me respirar, pelo amor de Deus! Não posso... Não posso... Desviai-me do saimento... Um bocadinho... Um bocadinho de ar... Que me sinto morrer...

Ah! Perdão, santíssima Virgem! Perdão, pelas vossas sete dores!

(As damas conduzem-na para o palco. O marquês tem sido estranho a esta chegada.)

## **AFONSECA**

Senhor... Senhor!... Vinde... Vinde... Eu vo-lo imploro de joelhos!... (ajoelha.)

## **MARQUÊS**

Levanta-te, meu pai! — vai rezar um responso sobre o cadáver de D. Maria de Noronha!... Rezaí por alma da sua alteza o senhor infante D. Fernando!... Inferno!

(D. Guiomar dá um grito, desenlaça-se das damas mal firme, corre o palco em todas as direções, encontra Fr. Guterres, e cai-lhe de joelhos aos pés.)

## **D. GUIOMAR**

Senhor!... Protegei-me!... Que eu ouvi-lhe a voz... Ouvi-lha... Era a sua voz, homem de Deus!... Protegei-me, que eu quero salvar-me!...

**FREI GUTERRES**, erguendo-a

Senhoral... Fugi... Fugi... Destes lugares!... Fugi, por amor de vós, que está aqui vosso primeiro marido!... Está aqui D. João de Alencastre!...

## **D. GUIOMAR**

Aqui.... O meu Deus!... Ah!... (cai desmaiada, as damas erguem-na, e tomam-na ao colo).

**MARQUÊS**, aproximando-se de D. Guiomar

Damas e cavaleiros! Vamos ao túmulo de Maria de Noronha deixar-lhe a coroa da virgem!... Rezai por essa mártir!... Que D. Guiomar Coutinho lá está no leito do adultério a gravar uma nodoa infame no vosso sexo, damas virtuosas!...

## **DAMAS E CAVALEIROS**

Santo nome de Deus!

**MARQUÊS**

Estes paços são meus... Casei aqui depois das minhas batalhas... Dependurei neste salão as minhas armas de cavaleiro de cem combates... Este é o salão das armas... Aqui... Aqui!... Foi á luz baça de uma lâmpada!...

#### **D. GUIOMAR**

Fr. Guterres... Acompanhai-me ao meu quarto... Eu sinto-me morrer... Preciso de vós... De vós... Que não sois estranho... Á vida da mulher mais desgraçada!... Ainda... Naquela noite em que as minhas desventuras todas me foram anunciadas... Quando Maria de Noronha...

**MARQUÊS**, fitando-a, espantado, e falando-lhe como em segredo

Maria de Noronha... Essa está morta na sala das armas de Guiomar Coutinho!... Buscai-a de vestes brancas, borrifadas de sangue, no canto escuro do salão!... A luz baça de uma lâmpada verte-lhe na face o clarão da tocha sepulcral!... (Guiomar forceja por sair: acena as damas que a retirem; o marquês pega-lhe do pulso com delicadeza e gesto prazenteiro) Tu foste amiga da desgraçada que eu matei?... Queres chorar por ela?... Queres chorar comigo? E tu quem és?... Conheceste a adúltera?... Era a minha esposa!... Amada como mulher nenhuma!... O demónio travou de duas existências... Dilacerou-as!... Viste-la nos braços do infante D. Fernando?!...

**D. GUIOMAR**, reclinada mortalmente nos braços das damas.

Meu Deus!... A mortel!... Matai-me!... Que eu não posso... Sofro tanto!... Frei Guterres!... Pedi a Deus pela mais desgraçada das suas criaturas!... Fr. Guterres!... Eu poderei... Salvar-me?... Poderei?

**AFONSECA**

Oh justiça de Deus!...

**MARQUÊS**, na maior exasperação

Calai-me esses hinos do inferno, menestréis de D. Guiomar!... Sangue! Sangue!... Tenho este coração rasgado fibra por fibra!... Rei de Portugal!... O mais leal dos teus leais cavaleiros tem um escarro infamante na face!... Rei de Portugal!... Um teu irmão cavou-me o sepulcro com o teu cetro!... Afasta-te, algoz!... Que eu matei uma mulher inocente!... Agarra furiosamente os cabelos; Afonseca ampara-o).

**D. GUIOMAR**



Fr. Guterres!... Acompanhai-me ao meu quarto... Que eu sinto-me morrer...

Depressa... Depressa... Fr. Guterres!...

**FREI GUTERRES**, no centro, com uma firmeza de expressão que lhe dá as aparências de um inspirado

D. João de Alencastre. Marquês de Torres-Novas!... Conhecestes D. Guterres de Paiva?...

**MARQUÊS**, recordando-se

D. Guterres de Paiva... Vi-o no cerco de Masagão rasgar com a lança as hordas dos infleis... Oh! Se vi!... Era um cavaleiro namorado.. Namorado... Se era...

**FREI GUTERRES**

Namorado de Maria de Noronha... Recordas-te, D. João de Alencastre?...

**MARQUÊS**

Foi á luz baça de uma lâmpada...

## **FREI GUTERRES**

Que mataste a vítima de nós ambos!... Marquês de Torres-Novas!... O teu crime é perdoado no céu!...

## **MARQUÊS**

Na terra o cutelo do verdugo!... A eternidade, oh!... Aí!... O eterno terror do assassino!...

## **FREI GUTERRES**

Aí... O perdão de Jesus cristo!... Mas tu tens a perdoar na terra, D. João!

## **AFONSECA**, ajoelhando

Sim, sim, senhor D. João!... Tendes a perdoar na terra, para que Deus perdoe no céu á mais criminosa, e á mais desgraçada das mulheres!...

(O marquês encara-os ambos alternativamente, e parece ouvi-los com atenção.)

## **FREI GUTERRES**

D. João de Alencastre! Tua mulher... D. Guiomar Coutinho... Debate-se nas agonias da morte!... Ergue as mãos... Suplica um perdão neste mundo, e não acha quem lhe perdoe!... As portas do inferno abrem-se-lhe aos pés do seu leito de paroxismos, e não há quem a salve!... Salvai-a, D. João!... Salvai-a, cavaleiro da Cruz...

(O marquês estende os braços a D. Guiomar, para levanta-la. As damas ajudam-na, e recebem-lhe no colo a face que ela busca esconder do seu marido. Este toma de entre as mãos a face amortecida de Guiomar. Encara-a, convulsivo, e horrorizado das reminiscências que lhe acodem : erra com a vista pelos circunstantes, chama Afonseca que o abraça; nos braços deste aponta, aleirado, para a mulher.)

## **AFONSECA**

É a infeliz Guiomar Coutinho... É ela, senhor D. João de Alencastre, que vos pede perdão com lágrimas de sangue!...

**D. GUIOMAR**, quase desfalecida

Perdão... Misericórdia... Marquês... Marquês... Por piedade... Por piedade...

**FREI GUTERRES**

Ouvi-a.... D. João!... Ouvi-a!...

**AS DAMAS**, de joelhos com **D. GUIOMAR**

Perdoai-lhe, senhor marquês!...

**FREI GUTERRES**

Ouvi-a... Que a desgraçada expira-lhe nos braços!...

(O marquês curva-se para reparar nas feições da sua mulher. Recua espavorido. Solta um grito de terror. Arrebatado, quer fugir. Afonseca, Fr. Guterres e os demais, embarçam-no.)

**D. GUIOMAR**, expirando

Meu Deus!... O meu pai!... Pelas vossas... Chagas... Virgem Santíssima!... Pelas vossas... Dores... Perdoai-me... Perdoai-me... Jesus!...

## **FREI GUTERRES**

Em nome de Jesus cristo, Redentor, e Salvador dos homens! Em nome do cruxificado, que expirou na cruz das afrontas, pedindo ao seu Pai, pelo seus matadores!... Em nome da coroa de martírio, que tão fundo te rasgou de espinhos o coração... Oh mártir do amor!... Eu te mando perdoar a esta mulher que se arrasta aos teus pés a pedir um perdão!... (Traz D. Guiomar que cai aos pés do marquês) cristão! Perdoa a D. Guiomar Coutinho, que vai sair deste mundo, e achará as portas do céu fechadas para sempre.

## **MARQUÊS**

Levai-me á cabeceira da maldita de Deus e dos homens... Eu lhe perdoarei...

## **FREI GUTERRES e AFONSECA**

Graças, meu Deus!...

(Aproximam-se de D. Guiomar Coutinho.)

## **FREI GUTERRES**

Irmã!... D. Guiomar Coutinho!... Abri o coração para receber o perdão do vosso marido!... Levantai os olhos para o mártir que vos perdoa!...

(D. Guiomar está morta. Fr. Guterres apalpa-te o coração, que já não pulsa.)

## **AS DAMAS**

Está morta!...

## **FREI GUTERRES**

É verdade!... O vosso perdão, marquês, não valeu á desgraçada!... Oremos todos por ela... Que Jesus cristo lhe perdoe...

(Ajoelham todos).

FIM DO DRAMA

Dos Anais de D. João III, compostos pelo elegante prosador frei Luís de Sousa, trasladamos um capítulo donde o autor tirou a ideia fundamental deste drama :

Queixa-se o Conde de Marialva a d'el-rei do Marquês de Torres-Novas. Dá-se conta da razão da queixa e successo dela.

Com nova e estranha contenda entrou na Corte e diante d'el-rei, neste princípio do seu governo, o Conde de Marialva Dom Francisco Coutinho. Era o Conde hum dos primeiros senhores do Reino, e que então mais valia por preço de pessoa, autoridade de anos, que passava de setenta : por grandeza de estado, por grossura de rendas e dinheiro. Desde o tempo d'el-rei Dom Afonso quinto, nenhuma ocasião ou vera de guerra com Portugal em Espanha nem fora delia, em que não fosse dos mais arriscados por valor de braço, e dos mais lustrosos por magnificência de companhia e despesa. Assi, em todas as matérias de paz e guerra, era o primeiro voto deste tempo. De mais do estado de Marialva, poderoso de grandes terras e muitos vassallos, possuía polia Condessa Dona Brites de Meneses sua mulher o Condado de Loulé no Algarve, e tinha o cargo de Meirinho-mor do Reino. Do que tudo era herdeira uma só filha que tinha. Considerando isto el-rei Dom Manoel, como era tão prudente, e sábio, tratou com ele dar-lhe pera seu genro hum dos seus filhos, e assentarão que seria o Infante Dom Fernando seu filho terceiro: e sobre a

promessa Real precederão contratos para o matrimónio haver efeito, tanto que o Infante tivesse idade competente.